



Escola de Ciências Sociais e Humanas, IUL
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Representações Sociais Sobre o Abuso Sexual no Contexto Desportivo

Maria da Cunha Mendes Marques da Gama

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora: Joana Dias Alexandre, PhD, Professora Auxiliar do ISCTE - Instituto
Universitário de Lisboa

Outubro, 2019



Escola de Ciências Sociais e Humanas, IUL

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Representações Sociais Sobre o Abuso Sexual no Contexto Desportivo

Maria da Cunha Mendes Marques da Gama

Dissertação submetida como

requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora: Joana Dias Alexandre, PhD, Professora Auxiliar do ISCTE - Instituto
Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

Agradecimentos

O meu mais sincero **Obrigado**.

A Deus! Aos meus pais, mãe e pai em primeiro lugar porque sem eles nada disto seria possível. Desde a notícia de que tinha entrado na licenciatura de psicologia (onde chorei no colo deles de felicidade) - até agora, foram incansáveis! Foi neles que pensei muitas vezes quando pensava desistir e é por eles que também faço tudo isto. Eles sabem que não há palavras para descrever o meu agradecimento, mas fica registado aqui que lhes estou grata para todo o sempre, por me terem proporcionado conseguir fazer a licenciatura e mestrado.

À professora Joana Alexandre por todo o apoio durante este último e importante ano de mestrado e na realização da dissertação. Sempre a 'puxar-me' para a cima e a acreditar em mim, quando eu não o fazia.

Às crianças que mudaram a minha vida e me fizeram escolher esta área (Associação Mimar). Em especial ao Moisés, que nunca vai ver isto, mas fica no meu coração para sempre.

Aos meus irmãos queridos: João e Vasco da Gama. Companheiros da minha vida, desde sempre e para sempre.

À minha madrinha de batismo, pela inspiração constante e pelas orações.

Às minhas queridas avós Patuxa e Fernanda, por todas as orações e inspiração que me dão pelas mulheres que são, por todo o apoio e amor a vida toda.

Ao meu avô Vasco, que um dia me deu conselhos sábios sobre a vida, e fez questão de mencionar o que é que nas áreas da psicologia lhe tinha sido extremamente importante na vida e no seu trabalho, guardo esse dia e essas palavras, guardo também todas as coisas bonitas que me mostrou e todas as suas memórias. Gostava de ter bebido mais das suas histórias.

À Tatiana. Não há palavras para o apoio estes últimos meses, e durante estes 6 anos. De minha colega de turma e companheira de viagens de comboio tornaste-te uma amiga para a vida. Fica para a história este percurso que fizemos uma ao lado da outra. Se teria sobrevivido estes 6 anos sem ti? Sim, Ai mas tinha sido tão mais difícil!

Às minhas amigas que me apoiam desde sempre- Chá das 5. Ao meu querido António e Rosa.

Ao desporto. À oportunidade dada pelos meus pais de poder fazer desporto desde sempre. Foi essencial para o meu crescimento e desenvolvimento saudável, mas especialmente por me ter ajudado nos últimos tempos a melhorar a minha saúde mental e física.

À Irlanda. Ao Scott e ao Côa (que me fez levantar todas as manhãs cedo para fazer desporto e depois companhia para fazer esta dissertação).

Resumo

O abuso sexual é uma problemática complexa que pode ocorrer em diferentes contextos. O contexto desportivo é um contexto particular com características importantes que fazem dele um meio para a ocorrência de potenciais situações de abuso sexual. Neste estudo procurou aceder-se às representações sociais de dirigentes, treinadores e atletas (N = 300) sobre o abuso sexual, quem são as vítimas e os agressores e os fatores de risco neste contexto. Foi aplicado um questionário online com perguntas de resposta aberta. Foi depois efetuada uma análise temática, com recurso ao software NVivo. Os resultados indicam que o abuso sexual surge associado a comportamentos sexuais, interação física e íntima, para o qual não é dado consentimento, ocorrendo um conjunto de comportamentos abusivos, de cariz não só físico, mas também emocional. O agressor é visto como sendo do sexo masculino exercendo poder/autoridade sobre a vítima, mesmo no contexto desportivo, enquanto que as vítimas são percebidas como sendo do sexo feminino e sobretudo crianças, manifestando sinais como medo, isolamento e marcas físicas. Como Fatores de risco específicos do contexto desportivo são referidos o contacto físico implicado em muitas modalidades, e as relações de proximidade e confiança que se estabelecem neste contexto. É na amostra das mulheres (dirigentes, treinadoras e atletas) que surgem referências ao enquadramento legal do abuso e ao facto do agressor ser fisicamente forte.

Estes resultados são discutidos à luz das representações sociais e é feito um conjunto de considerações sobre as implicações práticas que estes resultados podem ter.

Palavras chave: Abuso sexual; Crianças; Contexto desportivo; Representações sociais

Classificação Psycinfo Codes: 2956 Educação infantil & Cuidados infantis; 2900 Processos sociais e questões sociais

Abstract

Sexual abuse is a complex problem that can occur in different contexts. The sports context is a particular one with important features that makes it a place of potential sexual abuse to occur. This study search to access the social representations of leaders, coaches and athletes (N = 300) about sexual abuse, who are the victims and perpetrators and the risk factors in this context. An online questionnaire with open-ended questions was applied. A thematic analysis was then performed using NVivo software. The results indicate that sexual abuse is associated with sexual behaviors, physical and intimate interaction, for which no consent is given, occurring a set of abusive behaviors, not only physical, but also emotional. The perpetrator is seen as being male exercising power / authority over the victim, even in the sporting context, while the victims are perceived as being female and especially children, manifesting signs such as fear, isolation and physical marks. Risk factors specific to the sport context are referred to the physical contact involved in many modalities, and the relationships of closeness and trust established in this context. It is in the sample of women (managers, coaches and athletes) that there are references to the legal framework of abuse and the fact that the aggressor is physically strong. These results are discussed in the light of social representations and a set of considerations is made about the practical implications these results may have.

Keywords: Sexual abuse; Children; Sports; Sports context; Social Representations

PsycInfo Scientific domains: 2956 Childrearing & Child Care; 2900 Social Processes & Social Issues

Índice

Lista de Quadros.....	VI
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	3
Abuso Sexual- Definições	3
Enquadramento Legal	4
Abuso Sexual: Porquê Estudá-lo no Contexto Desportivo?.....	5
Prevalência	7
Características das Vítimas e Agressores.....	9
Agressores e Vítimas em Contexto Desportivo.....	10
O conceito de Representações Sociais	13
Objetivos	16
Capítulo II - Método	17
Participantes	17
Instrumentos	17
Procedimentos	18
Procedimentos de recolha de dados.....	18
Procedimentos de análise de dados.	18
Capítulo III – Resultados	21
Capítulo IV -Discussão.....	41
Conclusões	44
Referências.....	45
Anexos	49
Anexo A:	49
Anexo B:	52
Anexo C:	53
Anexo D:	54
Anexo E:.....	55
Anexo F:	56
Anexo G:	57

Lista de Quadros

Quadro 1: *Temas e Subtemas da dimensão Abuso sexual.*

Quadro 2: *Tema Comportamentos abusivos*

Quadro 3: *Tema Diferença de poder*

Quadro 4: *Temas e Subtemas da dimensão Vítimas.*

Quadro 5: *Tema Idade*

Quadro 6: *Tema Sexo*

Quadro 7: *Tema Fatores de risco*

Quadro 8: *Temas e Subtemas da dimensão Sinais da vítima*

Quadro 9: *Temas Emoções negativas,*

Quadro 10: *Tema Comportamentos internalizantes*

Quadro 11: *Tema Sinais Físicos*

Quadro 12: *Tema Sinais Psicopatológicos*

Quadro 13: *Tema Comportamentos externalizantes*

Quadro 14: *Temas e Subtemas da dimensão Os agressores e as suas características*

Quadro 15: *Tema Características dos Agressores*

Quadro 16: *Tema Agressores*

Quadro 17: *Tema Fatores de risco específicos no contexto desportivo*

Introdução

O desporto tem um poder enorme no que diz respeito ao desenvolvimento dos jovens e da sociedade, promove valores de cooperação, respeito e entreajuda (Neto & Nery, 2018).

Apesar dos seus benefícios ao nível da saúde física e mental, falar de desporto implica também abordar aspetos mais problemáticos que podem ocorrer neste contexto específico, e assim chamar a atenção para um conjunto de questões a ele associadas. Existem questões preocupantes e tabus que merecem ser abordados. A violência, nas suas diferentes formas, é um exemplo destas questões urgentes que devem ser abordadas no desporto (Hartill, 2009).

Uma das formas de violência é o abuso sexual, considerado como um problema universal de saúde pública (Adami et al., 2017). As estatísticas apresentadas pela Associação de Apoio à Vítima (APAV), por exemplo, dão conta de que entre 2013 a 2017 dos 4.687 crimes contra crianças e jovens vítimas, 449 casos foram de abuso¹.

Para além dos números, são várias as consequências imediatas e a longo prazo do abuso sexual. (Alaggia, 2010). As consequências a longo prazo podem incluir um risco maior de sintomatologia depressiva, suicídio, abuso de substâncias, perturbação de stress pós-traumático, perturbação de ansiedade, perturbação de personalidade antissocial, dissociação e disfunção sexual (Adami et al., 2017).

No próximo dia 20 de novembro fará 30 anos que a Convenção sobre os direitos da criança foi aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Durante estas três décadas, tem havido uma preocupação crescente para garantir que os direitos da criança são assegurados, nomeadamente em diferentes contextos de vida da criança (Hartill, 2009). É importante referir que no contexto desportivo português, entre 1996 e 2010 o número de jovens federados duplicou (de 116 mil em 1996 para 340 mil em 2010) e quase 10 anos depois, em 2019, alguns dados apontam para o facto de num universo de 634 mil atletas federados, um número superior a 412 mil corresponde a crianças e jovens².

Com a abordagem dos direitos das crianças e o crescente aumento de crianças e jovens federados, tornou-se imperial abordar a questão do bem-estar infantil no desporto. Trabalhar neste sentido é fulcral para responder às recomendações da Convenção das Nações Unidas

¹ Retirado de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Crianças_e_jovens_vítimas_crime_violência_2013_2017.pdf

² Retirado de <https://fronteirasxxi.pt/desportojuvem/>

sobre os Direitos da Criança; na mesma linha o Conselho da Europa lançou a campanha “Start to talk”; em Portugal, a mesma foi lançada há quase um ano e visa sensibilizar o movimento desportivo para o abuso sexual de crianças e jovens no contexto do desporto e apelar para que contribuam com medidas concretas de prevenção e resposta ao abuso sexual contra crianças e jovens no desporto (Hartill, 2009). Para pensar essas medidas importa, paralelamente, construir investigação sobre esta matéria, compreendendo de que forma estas questões são percebidas pela comunidade.

Embora não exista uma definição ímpar, as representações sociais permitem aos indivíduos explicar e conhecer a realidade, nortear e justificar comportamentos (Abric, Guimelli, Moliner & Rateau, 2000). É através do discurso e da interação social que se constroem e se difundem as representações sociais (Vala & Castro, 2013).

Neste sentido os objetivos desta dissertação são compreender as representações sociais de diferentes atores da comunidade desportiva sobre as características do abuso sexual, dos agressores e os sinais apresentados pelas vítimas, bem como dos fatores e risco do contexto desportivo que podem potenciar a ocorrência de situações de abuso sexual.

Esta tese é composta por quatro capítulos. O capítulo I refere-se ao enquadramento teórico do abuso sexual com foco particular no contexto desportivo, ao enquadramento legal e às representações sociais. O capítulo II engloba o estudo empírico que foi conduzido, descrevendo-se a amostra, instrumentos e procedimentos da recolha e análise de dados. O capítulo III apresenta os resultados; finalmente, o capítulo IV refere-se à discussão, limitações, recomendações futuras para pesquisa e prática e conclusões.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Abuso Sexual- Definições

Apesar de não existir uma única definição do que é o abuso sexual, a literatura aponta para algumas definições que apresentam alguns aspetos em comum: o abuso sexual pode ser definido como um ato sexual sobre uma criança que não tem idade ou maturidade para o consentimento do mesmo, quando um indivíduo adulto ou um indivíduo menor de idade, porém fisicamente maior que a criança, exercendo uma posição de poder, envolve-se ou permite a aproximação dessa criança numa atividade de natureza sexual em que o objetivo é a gratificação sexual da pessoa adulta (podendo haver contacto genital ou contacto físico) (Bates, Klaus & Martin, 1978; Hartill, 2009). Mais recentemente alguns autores definem o abuso sexual como um fenómeno complexo que abrange vários recursos psicológicos e dimensões contextuais que contribuem para uma variedade de demonstrações comportamentais. Este tipo de abuso pode ser violento ou com menos violência, porém, íntimo, forçado ou coagido, envolve penetração, atos não penetrativos e a assimetria de idade (Brackenridge, Bishopp, Moussali & Taap, 2008; Fazenda, 2015). Segundo a APA (Associação Americana de Psicologia), o abuso sexual é uma atividade sexual indesejada, em que o agressor usa a força, ameaça ou aproveitando-se da vantagem de a vítima não poder consentir (APA, 2018).

Para se considerar a situação como sendo de abuso sexual, é necessário existir contactos e interações entre uma criança e um adulto, quando este- o agressor adulto- utiliza a criança para se estimular sexualmente, à criança ou a outra pessoa. Pode ser cometido por um indivíduo menor de 18 anos, quando este é fisicamente maior que a criança e exerce uma posição de poder ou de controlo sobre a criança/vítima (Bates et al., 1978; Leahy, Pretty, & Tenenbaum, 2002).

O abuso ocorre quando um indivíduo reúne as condições de superioridade (idade, força, posição social ou económica, inteligência autoridade) e exerce o ato de causar dano físico, psicológico ou sexual, sem a vítima o consentir, contrariando a sua vontade, geralmente obtido por indução ou sedução enganosa (Brackenridge et al., 2008; Fazenda, 2018).

O abuso sexual é, portanto, qualquer experiência sexual com ou sem o recurso à força que pode ser de formas mais passivas, como a exibição de pornografia, ou a utilização da criança para produção de pornografia infantil, ou mais ativas como a relação sexual (genital, anal ou oral), causando de imediato ou não perturbações graves no desenvolvimento da criança (Adami et al., 2017; APA, 2018).

Muitas vezes o abuso sexual é confundido com o assédio sexual. O assédio e o abuso sexual podem ser vistos como etapas ao longo de um continuum de exploração sexual. Ambos envolvem abuso de poder (Bates et al., 1978). Ainda que não haja uma definição universalmente aceite de assédio sexual, é aceite que, é um processo e não um evento, e envolve atenção sexual não consentida pela vítima. O assédio sexual pode envolver abuso ou ameaças escritas ou verbais, comentários e intimidação com base no ato sexual. O abuso sexual pode envolver relações sexuais forçadas, agressão sexual e violação (APA, 2018; Fazenda, 2015). Para além desse continuum comportamental, estão as preferências pessoais do agressor em termos de interesses sexuais (por exemplo, idade da vítima) e orientação (Brackenridge et al., 2008).

Enquadramento Legal

O enquadramento legal dado a este tipo de problemática é diverso. No caso da Austrália apenas um Estado tem obrigação legal de notificar suspeita de abuso sexual, no contexto desportivo, nos outros Estados não existe legislação de notificação obrigatória, somente nas áreas da educação, saúde pública, e cuidados infantis. Nesse Estado ao contrário dos outros é obrigatório o procedimento de verificar os antecedentes criminais dos trabalhadores que têm contacto direto com crianças. Esta prática também é levada a cabo no Reino Unido (Leahy et al., 2002). Em Portugal, para trabalhar com crianças e jovens com idades inferiores aos 18 anos, mesmo que voluntariamente, é necessário apresentar à entidade um certificado de registo criminal específico que comprove não haver histórico de abuso sexual ou maus-tratos. Esta lei estabelece medidas de proteção às crianças e jovens, para fazer cumprir as recomendações da Convenção do Conselho da Europa contra a Exploração Sexual e o Abuso Sexual de Crianças (Diário da República, 2009).

O código penal Português distingue dois tipos de crimes sexuais: 1) crimes contra a liberdade sexual, que atentam contra o direito de cada indivíduo decidir de livre vontade práticas sexuais, sendo que a vítima já tem maturidade necessária para dar o seu consentimento; e 2) crime contra a autodeterminação sexual, que atingem vítimas menores de 14 anos, que pela sua idade e nível de desenvolvimento não estão ainda em condições de se auto determinarem sexualmente e não tem maturidade suficiente para dar um consentimento informado. O consentimento informado é a escolha de participar voluntariamente numa determinada situação, que implica ter capacidade de compreensão da natureza e consequências desta.

Os atos sexuais envolvem comportamento como: carícias, masturbação, cópula, coito anal, coito oral ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos, exposição a pornografia, utilização da vítima para produção de material pornográfico, chamadas obscenas, exibicionismo, favorecer, facilitar ou fomentar a prática da prostituição (Art.º 171º, CPP).

No artigo 177º do código penal, é descrito a diversas situações de agravamento da pena (a moldura penal máxima é de 10 anos), como: se a vítima for ascendente, descendente, adotante, adotado, se encontrar numa relação familiar, de tutela ou curatela, ou dependência hierárquica, económica ou de trabalho do agente e o crime for como aproveitamento desta relação, se o agente for portador de uma doença sexualmente transmissível, se de o abuso resultar uma gravidez, ofensa à integridade física grave, transmissão de agente patogénico que crie perigo para a vida, suicídio ou morte da vítima (Art.º 177º, CPP).

Na Lei de Promoção e Proteção das Crianças e Jovens em Perigo, no artigo 3º diz-nos também que há legitimidade de intervenção quando a criança “sofre de maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais” (Guerra, 2010).

Abuso Sexual: Porquê Estudá-lo no Contexto Desportivo?

A maioria dos estudos sobre abuso sexual realizados focaram-se no abuso ocorrido em contexto familiar e no facto do agressor ser um elemento da família. Nos últimos anos, devido a várias condenações e escândalos com alto impacto, a investigação sobre abuso sexual abordou também o contexto institucional e comunitário, como o desporto ou a igreja (Brackenridge et al., 2008).

O desporto pode ser considerado, como tem sido ao longo dos tempos, uma ferramenta eficaz na resolução de problemas sociais e também no aumento da harmonia e bem-estar na sociedade. Segundo Hartill (2009), é também necessário considerar o facto de que o contexto desportivo nem sempre é sinónimo de bem-estar podendo ser uma fonte para enaltecer o privilégio masculino e uma base para a socialização de crianças num contexto “masculinista”. Ao surgir esta preocupação, com um lado mais negativo do desporto, questões importantes como a violência, e violência sexual são levantadas (Hartill, 2009).

O abuso sexual passou a ser reconhecido no século XIX, como uma problemática social significativa. As investigações que se seguiram obtiveram uma abordagem reducionista, menosprezando muitas questões fundamentais que moldam o contexto em que se inicia o abuso sexual. Como também, geralmente, as investigações se focam no facto de o agressor ser do sexo

masculino e a vítima do sexo feminino, sendo que se prestou menos atenção às experiências de crianças do sexo masculino vítimas de abuso sexual (Adami et al, 2017). O desporto infantil por sua vez, exigiu menos atenção neste contexto do abuso sexual, sendo este um campo da infância em que não se levantava esta problemática. Podendo considerar-se o abuso sexual neste contexto específico uma preocupação e um desafio do século XXI. O abuso sexual institucional é geralmente um fator de preocupação nos governos dos países, mas o conhecimento efetivo sobre esses abusos, muitas vezes, é baixo. O abuso sexual institucional acontece em ambientes comunitários, incluindo o contexto desportivo (Hartill, 2009).

Existem fatores no contexto desportivo que fazem com que seja um contexto privilegiado para a ocorrência de abuso sexual. As crianças têm dificuldades acrescidas em resistir e revelar o abuso quando os agressores são altamente considerados pela comunidade. Esta é uma característica importante do abuso no desporto, em que os casos envolvidos com figuras de alto perfil, como treinadores com resultados extremamente positivos de treino e são considerados de alta competição, leva a uma dificuldade acrescida das crianças fazer revelação de abuso. Outra das características são os funcionários ou dirigentes que optam por não atuar nas revelações de abuso das crianças com medo de represálias para a instituição. E assim, as instituições ou organizações dão oportunidades a agressores para manipulação e abuso de crianças. Dentro do desporto vive-se uma estrutura de valores orientada pelo desempenho, e que ainda prioriza um comportamento de homem dominante (Hartill,2009).

Pode existir obstáculos para a realização de uma denúncia numa instituição, como: a) falta de procedimentos ou políticas para relatar e investigar uma queixa de abuso; b) o abuso ser percecionado como um problema individual e não da instituição; c) o contexto fechado das instituições, e d) o sistema de crenças que envolve as instituições. Embora tenha havido melhorias, pelo menos nas dificuldades de procedimentos ou políticas, estas são relevantes para entender que o abuso no desporto organizado geralmente não é relatado (Hartill, 2009).

As noções de direitos das crianças fornecem ideias particularmente fortes para abordar a questão do bem-estar e abuso infantil no desporto. No entanto, é recente a consideração da natureza da infância e as suas características e particularidades dentro do desporto. A noção de que a criança é um ator social legítimo, com os direitos associados, é sustentada por esta perspectiva relativamente recente dos direitos da criança. A voz da criança e o direito da criança de participar nas decisões que lhes afetam direta ou indiretamente são legítimos e consagrados na legislação internacional. Um sistema de proteção das crianças inserido no contexto de

organizações desportivas é essencial, tal como uma estratégia nacional que exija corpos desportivos que tenham um compromisso de empoderar crianças e jovens, aconselhando-os sobre seus direitos e como devem ser respeitados. Um trabalho feito para que esse objetivo ambicioso no desporto aconteça é altamente desejável e representa uma resposta clara ao espírito e às recomendações da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989) (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1989; Hartill, 2009).

Este reconhecimento da sociedade em relação ao abuso, que as instituições sociais e recreativas necessitam de implementar segurança e estratégias eficazes de redução de riscos incentivou iniciativas políticas no desporto nalguns países como o Reino Unido e Austrália (Australian Sports Commission, 2006; Brackenridge et al., 2008; Child Protection in Sport Unit, 2006).

No Reino Unido por exemplo já existe uma unidade responsável para proteção de crianças no desporto (Child Protection in Sport Unit, 2006; Hartill, 2009). Nos países desenvolvidos a proteção das crianças no desporto é cada vez mais importante nas discussões políticas, por exemplo a Comissão de Desporto na Austrália tem muita informação disponível online sobre proteção de crianças (Australian Sports Commission, 2006; Brackenridge et al., 2008; Hartill, 2009); no Canadá têm uma estratégia de Conduta Ética no Desporto criada em 2002, onde contém referências específicas contra o abuso e nos Estados Unidos todos os adultos que trabalham com crianças tem a obrigação de passar por um processo de exame de antecedentes. Apesar de que, as políticas tenham aumentado sobre este assunto, a investigação sobre este problema, e em particular do abuso sexual no contexto desportivo é mais limitada (Hartill, 2009).

Existe um apelo do Conselho da Europa para que as autoridades públicas e as organizações desportivas ponham fim ao abuso sexual. Ao aderir a este convite, os governos, clubes desportivos, associações e federações, bem como atletas e treinadores, comprometem-se a tomar medidas concretas para prevenir e responder ao abuso sexual. Esta iniciativa do Conselho chamada “*Start to talk*” consiste na tentativa de os adultos quebrarem o silêncio e dar voz às crianças (<https://www.coe.int/en/web/sport/start-to-talk>).

Prevalência

Em Portugal alguns estudos indicam uma prevalência considerada baixa e também semelhante nos dois sexos 2,7% no sexo feminino e 2,6% no sexo masculino (Figueiredo et al.,

2004). No entanto, estudos mais recentes (Mateus, 2012), indicam uma taxa de prevalência maior, de 14,5%, superior no sexo feminino (15,9%) comparativamente ao sexo masculino (11,7%). No que diz respeito às taxas de incidência em Portugal, verifica-se que a grande maioria dos agressores são do sexo masculino e a maioria das vítimas são do sexo feminino (80%). Observa-se que a faixa etária entre os 8 e os 13 anos de idade é a que tem maior incidência de abuso sexual (Lopes, 2017).

A prevalência exata do abuso sexual é difícil de determinar, ocorre em todas as classes sociais. O abuso é relatado em diversos contextos, como educacionais, na Igreja, no trabalho e no desporto. Com base numa revisão de estudos sobre a prevalência de abuso sexual no mundo, (com uma amostra de 24 países) foram registadas taxas de prevalência que correspondem a: 8-31% de vítimas do sexo feminino, e 3-17% de vítimas do sexo masculino (Barth et al., 2012).

Um estudo realizado no Reino Unido, refere que 16% das crianças menores de 16 anos sofreram abuso sexual (Brackenridge et al., 2008; Brooker, Cawson, Kelly & Wattam, 2000).

A prevalência de abuso sexual na Austrália indica que pelo menos 28% das mulheres adultas e 9% dos homens adultos relatam ter essa experiência de abuso antes dos 18 anos (Leahy et al., 2002).

No contexto desportivo, os estudos demonstram que 2 a 8% dos atletas são vítimas de abuso sexual no contexto desportivo. É também de notar, que numa análise da imprensa de 159 casos de abuso sexual no desporto, 98% dos os agressores são treinadores, instrutores e professores. É observado também que as raparigas sofrem de abuso sexual no desporto com mais frequência do que os rapazes. Contudo, há menos estudos que incluam rapazes na sua amostra, e estas diferenças de sexo podem ser devido ao facto de que os rapazes não denunciam o abuso (Adami et al., 2017; Parent & Hlimi, 2012).

No sector desportivo, as investigações sociológicas dos abusos sexuais ocorridos no âmbito do desporto organizado e competitivo documentaram a importância da questão do abuso sexual, nos EUA no Canadá na Grã-Bretanha, na Noruega e na Alemanha. No Canadá, numa amostra de 266 atletas olímpicos, 8,6% dos indivíduos referiram ter experienciado relações sexuais forçadas (penetração oral, anal, e ou vaginal) no contexto desportivo. Destes, 6% (7 homens) era amostra masculina e 11% amostra feminina (16 mulheres) (Leahy et al., 2002).

Segundo um estudo feito na Austrália, o abuso sexual relatado no desporto pode variar em função do nível desportivo e o sexo. O desporto de alta competição (13,6%) com taxas maiores de abuso sexual no desporto em comparação com o desporto de clubes (6,3%). Uma

taxa também maior de abuso sexual no sexo feminino na alta competição (Adami et al., 2017; Hartill, 2009; Leahy et al., 2002).

No Brasil, as mulheres relatam mais abuso sexual do que os homens (12,9% e 6,3% respetivamente) do grupo de atletas que denunciaram abuso sexual, 46,4% destes relatou abuso por parte de indivíduos dentro da organização desportiva. O sexo pode ser uma variável fortemente associada à frequência do abuso sexual relatado (Adami et al., 2017). As mulheres atletas de alta competição têm mais possibilidades de sofrer abusos ou os homens atletas de alta competição subestimam as experiências de abuso sexual e não as denunciam (Leahy et al., 2002).

Características das Vítimas e Agressores

Um estudo feito no Brasil, com o objetivo de identificar o perfil das crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, as características das agressões e dos agressores e as consequências para as vítimas, identificou que as vítimas de abuso sexual tinham idade média de 10,4 anos, predominantemente do sexo feminino (Adami et al., 2017; Hartill, 2009) e caucasianas. No Brasil, onde 83,2% das vítimas de abuso sexual são do sexo feminino e 39,5% ocorrem nas idades entre 10 e 14 anos. Em relação à etnia, os resultados do Comité Nacional de Combate à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes também relatam maior incidência de abuso sexual nas crianças e adolescentes caucasianos (Adami et al., 2017). Em Portugal, a maioria das vítimas de abuso sexual são também do sexo feminino em 449 casos – 79,1% são crianças e jovens do sexo feminino³. Dentro destas estatísticas em Portugal, as vítimas estão entre os 8 e 17 anos de idade (Caniço & Cardoso, 2015).

São encontradas determinadas características das crianças vítimas que são fatores de risco neste contexto, como: crianças à procura de aceitação, cuidado e afeto, crianças que parecem mais desenvolvidas e, portanto, do ponto de vista do agressor, mais disponíveis para ter interação sexual como mútua e recíproca. Os agressores muitas vezes possuem uma propensão incomum para identificar e selecionar crianças vulneráveis; crianças inseguras e confusas; situações familiares, como por exemplo a ausência de uma figura paterna (Aguilhas, Aguiar & Marques, 2019; Hartill, 2009).

³ https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Infografia_Nete_CARE.pdf

Existe uma maior tendência também, para que os agressores estejam entre relações de maior proximidade, é também recorrente que os estudos foquem no abuso sexual em contexto familiar. O facto de a vítima sofrer de abuso e permanecer com contacto próximo ao agressor, tem impactos negativos na saúde mental. A maioria das vítimas apresentam perturbações emocionais, psicológicas e comportamentais decorrentes do abuso. A violência sexual tem graves consequências a curto e longo prazo para a saúde (Brackenridge et al., 2008; APA, 2018). As reações imediatas das vítimas são, geralmente, choque e medo. Os sintomas a longo-prazo são: ansiedade, medo ou stress pós-traumático (Adami et al., 2017; APA, 2018). As consequências podem-se manifestar fisicamente (e.g. uma gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e outras lesões em geral), psicológicas (e.g. perturbação cognitiva, emocional e comportamental), e social (e.g. abandono escolar, disfunção familiar, prostituição infantil). As mudanças na saúde mental e no ajuste social da vítima de abuso no futuro está relacionado com as características individuais de cada um, ao tipo de violência sofrido e à capacidade de coping ao trauma (Adami et al., 2017).

Os agressores podem ser motivados pelo desejo de intimidade que de alguma forma são incapazes de manter nas suas relações interpessoais, as motivações que estão subjacentes no abuso sexual são maioritariamente sexuais, porém também pode integrar elementos de raiva ou hostilidade. Os agressores podem utilizar justificações ou distorções que suportam o comportamento ofensivo e usam estratégias para conseguir alcançar as potenciais vítimas e evitar a revelação do abuso (Brackenridge et al., 2008).

Agressores e Vítimas em Contexto Desportivo

Os agressores que cometem abuso sexual no contexto desportivo têm características semelhantes aos agressores fora deste contexto. No entanto no desporto os agressores têm características específicas. Numa análise com 159 casos de abusos sexual no desporto relatados pela imprensa, 98% dos casos os agressores são os treinadores, professores ou instrutores. Segundo estes, a idade dos agressores varia entre 16 a 63 anos (média de 34,2). Na maioria dos casos o agressor é do sexo masculino, embora também existam mulheres a cometer esse tipo de violência no contexto desportivo (Parent & Hlimi, 2012).

Outros estudos já tinham encontrado resultados semelhantes. Brackenridge et al (2008), por exemplo, identifica que os agressores sexuais (49% do total) são figuras de autoridade (por exemplo, treinadores, equipa do estabelecimento em si, e funcionários do clube) e do sexo masculino. Habitualmente têm um papel respeitado na comunidade, escondendo assim o seu

comportamento. Os treinadores, que na sua maioria são homens, exercem um poder sobre os atletas, principalmente em atletas de alta competição. Nestes casos, a maioria dos atletas, deseja desenvolver e melhorar as suas competências e posteriormente ser selecionados para a equipa, os pais geralmente querem o sucesso dos filhos e os dirigentes necessitam dos atletas principais para ter sucesso no desporto; isto posiciona os treinadores num lugar de autoridade e de poder sobre os outros. O agressor-treinador explora este poder, conseguindo ao mesmo tempo manter a sua posição, pois é indispensável para o desempenho do atleta. Neste mesmo estudo, conduzido na Dinamarca, 25% dos atletas já experimentaram ou conhecem alguém que tenha experienciado assédio sexual ou abuso no contexto desportivo. Os treinadores-agressores apresentam idade entre os 30 e 45 anos de idade, e atitudes mais relaxadas em relação à intimidade corporal e verbal. A maioria dos atletas que relataram experiências de comportamento inadequados por parte do seu treinador, dizem sentir-se incapazes de fazer algo para evitar. Os comportamentos podem incluir a seleção da vítima potencial, construindo uma relação de confiança e amizade, fortalecendo o isolamento e controlo, com construção da lealdade, dando início ao abuso sexual e facilitando o segredo destes comportamentos. Pode acrescer um facto importante no contexto desportivo, nas características do abuso sexual neste contexto, o facto da criança/atleta pode ter um sentimento de admiração pelo agressor (Brackenridge et al., 2008).

Estes comportamentos fazem parte do *grooming*, que é o termo utilizado para as estratégias que os agressores utilizam para convencer ou coagir uma criança a envolver-se em comportamentos sexuais com estes. O *grooming* pode ter variadas formas, desde os incentivos financeiros até estratégias para ganhar confiança e conformidade de uma pessoa mais vulnerável (Brackenridge et al., 2008). As estratégias de *grooming* frequentemente envolvem intimidação verbal ou física ou oferta de aliciamento, como presentes ou dinheiro. Uma estratégia frequente é a utilização da força verbal ou física e a manipulação emocional para alcançar a concordância da vítima. A sedução (sendo uma estratégia também), é mais utilizada quando já existe uma relação prévia entre a vítima e o agressor. Em que a vítima já está familiarizada com alguma forma de afeto da parte do agressor, que depois é progressivamente desenvolvido para testar a vítima às abordagens sexuais.

Estas metodologias do agressor foram também encontradas em contextos desportivos, quando o agressor usa o *grooming* para ganhar a confiança do atleta e até mesmo da família da vítima. Os treinadores puxam lentamente os limites do comportamento aceitável, violando cada vez mais o espaço pessoal, utilizam a familiaridade verbal, chantagem e porventura o contacto

físico. Se o atleta rejeitar pode ser forçado a abandonar o desporto em que se encontra ou ser desprezado pelo técnico, e assim os atletas ficam submetidos a estes avanços, vendo-se comprometidos a submeter-se às exigências do treinador (Brackenridge & Fasting, 2005; Brackenridge et al., 2008).

A relação de treinador-atleta incorpora um estatuto de incompatibilidade, como qualquer outro que envolve uma criança e um adulto em relações sexuais; as crianças têm naturalmente um papel mais baixo na estrutura da sociedade civil, o que torna mais difícil de resistir ao poder que os adultos têm. Este fenómeno é reforçado no mundo do desporto, onde o treinador tem naturalmente mais conhecimentos e competências do que o jovem atleta. O objetivo de atingir a alta competição e o desejo de sucesso pode tornar ainda mais difícil para a criança resistir ao comportamento da pessoa em autoridade. E para além disso, o atleta é uma criança e pode não ter o conhecimento e consciência de que esses comportamentos abusivos estão errados, principalmente se estes comportamentos desadequados são normalizados pelo ambiente desportivo (Brackenridge et al., 2008).

Foi estabelecido três conjuntos de fatores de risco para o abuso sexual no desporto associado ao treinador (agressor), atleta (vítima) e desporto (contexto). As variáveis do treinador são: um técnico mais velho e de alta reputação no desporto, alguém confiável pelos pais ou responsáveis, e a oportunidade de estar muitas vezes sozinho com o atleta em treinos, competições e viagens. As variáveis do atleta, incluem uma jovem mulher com baixa autoestima, mas muito talento, uma relação distante com seus pais / cuidadores, completamente dedicado ao seu treinador. As variáveis do desporto podem incluir o fraco controlo dos recrutamentos dos técnicos, um ambiente hostil para a revelação e o debate sobre abuso sexual e a oportunidade vasta de viagens fora da organização com os atletas (Brackenridge et al., 2008).

Cense e Brackenridge (2001) relataram, baseado em entrevistas com 14 atletas abusadas sexualmente no contexto desportivo, que foram encontrados quatro fatores situacionais com risco elevado: 1) quando as competições são em torneios, 2) as massagens dadas pelo técnico; 3) a casa do técnico; 4) quando o atleta foi levado para casa pelo treinador. Locais semelhantes como viagens, sessões de treino particulares, veículos e hotéis foram identificados como de alto risco em outros estudos.

A combinação de fatores de risco do treinador, atleta e desporto cria situações de alto risco, o que tem de ser tido em conta na prevenção, pois deve ser direcionada tanto aos indivíduos, quanto aos fatores contextuais (Brackenridge et al., 2008).

O conceito de Representações Sociais

A abordagem da história do abuso sexual implica o conhecimento e compreensão do funcionamento familiar, do valor social da infância e dos comportamentos sexuais ao longo dos tempos, com isto é pertinente a análise das representações sociais partilhadas num determinado contexto social.

As normas sociais pela qual a sociedade se pauta são definidas pelas representações sociais, o que assume um papel importante na violência. É difícil compreender a violência sem perceber os verdadeiros conteúdos das representações sociais.

Numa compreensão ecológica e dinâmica, o abuso sexual espelha as concepções sociais dominantes em relação ao fenómeno, revelando a importância que é dada ao estabelecimento de estratégias de prevenção e intervenção que tenha em consideração: o nível individual, social e cultural. A dimensão cultural agrega as representações sociais duma comunidade que se vai formando através do que é aceite e tolerado e o que é inadequado e inaceitável (Fazenda, 2015).

A Teoria das Representações Sociais é marcada por uma grande produção de pesquisas científicas em diversos campos do conhecimento. A noção de representação social é referida em muitos estudos, mencionada em diversas áreas, como a psicologia, a antropologia, a sociologia ou a história (Andrade, Melo & Nóbrega, 2016; Castro, 2002). Trata-se de uma abordagem teórica, transversal e complexa, o que proporciona a articulação de diferentes áreas de estudo, indica uma diversidade de problemáticas, exige um estudo de múltiplas perspetivas e o estudo interconectado de elementos diversos. O senso comum é dotado de uma racionalidade própria e tem um papel importante no dia-dia das pessoas, já que contribui para a constituição de realidades sociais. Isto é o uma reserva conhecimentos contextuais disponíveis de forma espontânea que possuímos, e que abarcam uma variedade de áreas e que possuem um papel importante na vida de cada indivíduo (Andrade et al., 2016).

Nesse processo, o conceito de representações sociais localiza-se na interseção entre o indivíduo e a sociedade. Este conceito de representação social compreende um processo sociocognitivo específico, e não apenas uma variedade de ideias ou uma categoria geral que tem em vista abranger toda a forma de pensamento social. As representações sociais são dinâmicas, existindo mudanças com o tempo, podendo ter associações diversas pois depende

da liberdade da qual se vale a linguagem para projetá-la para um espaço simbólico. As representações sociais são definidas simultaneamente pela natureza dos estímulos que nos rodeiam e nos provoca, e o significado das respostas a dar-lhes, por essa razão, estas, produzem e determinam os comportamentos dos indivíduos (Estevam et al., 2014).

Pode-se salientar que as representações sociais são conhecimentos acerca de fenómenos, eventos ou objetos sociais construídos no dia-dia por um grupo social, sendo cruzados pelas condições sociais, históricas, culturais inerentes a esse grupo. Estes conhecimentos são incertos nas comunicações e interações grupais e caracterizam-se pela sua dinâmica e diversidade, que convergem ou divergem perante as relações grupais. Não há representação social sem um grupo que se relacione com uma realidade que seja representada. Sendo que as representações se representam enquanto produto e processo de relações de grupo (Andrade et al., 2016; Castro 2002), é preciso conhecer o fenómeno sujeito de representação, bem como o grupo que o representa. Conhecer estes grupos, as necessidades, crenças, valores e relações compõe caminhos relevantes para estudos de representações sociais (Andrade et al., 2016).

As representações estão presentes nos indivíduos, mas com características que nos autorizam a chamar-lhes também sociais. As características consideradas são: 1) o facto de serem expressas por grupos sociais; 2) a relação com o seu processo de produção; 3) a sua funcionalidade, estas representações são sociais porque contribuem para os processos de formação dos comportamentos e de orientação das comunicações sociais (Andrade et al., 2016).

Considera-se que as representações sociais são um conjunto de explicações, crenças e ideias tidas em comum, a um determinado grupo de indivíduos; é resultado de uma interação social, sem perder a noção da individualidade. Um dos propósitos das representações sociais é transformar algo familiar que até então era desconhecido, cientes da possibilidade de dar nomes a novos acontecimentos e ideias, compreendendo esses fenómenos a partir de várias ideias, valores e teorias que já existam e são aceites no meio social. Este raciocínio coloca em posição de afirmar que as representações sociais cumprem a função de tornar familiar o que não era familiar, esta função é conseguida através de dois processos. Processos estes que elaboram também uma representação social: a objetivação e a ancoragem. Tal processo permite a compreensão, manipulação e interiorização do novo, acrescentando-o a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceites pela sociedade (Castro, 2002; Estevam et al., 2014).

A objetivação é o momento em que o abstrato se transforma em concreto, solidificando as ideias e tornando-as objetivas, este mecanismo de objetivação ocorre em três fases distintas:

1) seleção e contextualização: os indivíduos apropriam-se do conhecimento por conta de critérios culturais; a partir de experiências e conhecimentos que esse grupo já possui ocorre uma construção seletiva da realidade; 2) formação de um núcleo figurativo: o indivíduo recorre a informações e dados que já possui para compreender aquilo que é novo; 3) naturalização dos elementos do núcleo figurativo: a partir desse momento, o abstrato torna-se concreto. O conceito está sólido e passa a ser considerado como elemento da própria realidade (Andrade et al., 2016). A ancoragem considera uma constituição de uma rede de significados em torno da psicanálise, por aproximação a categorias já existentes, e que orienta as conexões entre esta e o meio social (Castro, 2002).

Moscovici considera que “as representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, são formadas pelo conjunto de ideias da vida quotidiana, construída nas relações estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais” (Dias & Santos, 2015, p. 175).

As representações configuram sistemas de valores e práticas que são prescritivas, pois surgem no meio social, depois se esvaem, aparecendo sob a forma de novas representações, num processo sem fim. Estas representações surgem da interação social, sendo comuns a um grupo social em determinado contexto. O ser humano não é simplesmente um portador de informações, ideologias ou crenças, os seus conhecimentos determinam a forma de viver e a influência na sociedade ao mesmo tempo, em que o meio que o rodeia mostra uma realidade social que possibilitou um modo de pensar coletivo. Contudo, é preciso ressaltar que as representações sociais nem sempre conciliam a realidade e, por isto não as podemos considerar verdades científicas (Estevam et al., 2015).

As representações sociais são um bom ponto de partida para analisar ações sociais, como ações pedagógicas, pois retratam uma realidade possível do que as pessoas representam. As representações que se desenvolvem em sociedade, têm consequência direta no comportamento, atitudes e modos de agir. Portanto, podemos considerar quatro funções importante destas representações: a) Função do conhecimento, permite compreender a realidade, facilitando a comunicação; b) Função identitária, possibilita a proteção das características dos grupos, definindo a identidade; c) Função de orientação, encaminha os comportamentos, as práticas sociais, adequando-os a várias situações; d) Função justificadora, possibilita, posteriormente, explicar e justificar as condutas e tomadas de decisão dos indivíduos. As representações sociais são um campo construtivo que nos possibilita constatar a percepção de um grupo acerca de uma

realidade, num determinado tempo, inseridos num contexto social específico (Estevam et al., 2014).

Objetivos

Este estudo tem como objetivo geral identificar as representações sociais da comunidade desportiva sobre o abuso sexual. Mais especificamente, pretende-se identificar as características do abuso sexual, dos agressores e os sinais apresentados pelas vítimas representados pela comunidade desportiva. Perceber que crenças são partilhadas pelos membros de uma organização desportiva. E ainda, compreender que fatores de risco que aumentam a ocorrência de situações de abuso sexual.

Capítulo II - Método

Participantes

Participaram um total de 300 indivíduos com idade superior a 18 anos ($M = 33,13$; $DP = 13,062$), por ser este o critério de participação no estudo. Destes 300, 105 são atletas do sexo feminino (31,5%); 33 são atletas do sexo masculino (9,9%); 60 são treinadoras do sexo feminino (18,0%); 91 são treinadores do sexo masculino (27,3%); 3 são dirigentes do sexo feminino (0,9%) e 10 são dirigentes do sexo masculino (3,0%). Do total da amostra, 44,3% identificaram-se como sendo do sexo masculino e 55,7% do sexo feminino.

Em termos de amostragem recorreu-se ao método de amostragem por bola de neve, trata-se de uma forma de amostra não probabilística (Vinuto, 2014). Recorreu-se a este tipo de técnica de amostragem por ser utilizado, muitas vezes, para fins exploratórios, normalmente com os seguintes objetivos: intuito de melhor compreensão sobre um determinado tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem realizados em todos os estudos ou fases posteriores (Vinuto, 2014). Obteve-se 356 respostas, sendo que 56 não estavam válidas para a análise. Estes 56 participantes, não tinham respondido ao questionário ou não responderam aos dados sociodemográficos (como por exemplo: a função na organização ou o sexo), que eram variáveis centrais para a análise.

Instrumentos

Foi construído um questionário sobre o abuso sexual a partir de um outro já existente Alexandre & Agulhas (no prelo), que foi utilizado para um levantamento de necessidades com membros dos escuteiros. A opção por este instrumento deve-se ao fato da elaboração de questionários sem a presença do investigador trazer vantagens para a investigação como por exemplo, nomeadamente minimizar os efeitos da presença do investigador nas respostas dos indivíduos em assuntos mais delicados (p.e comportamentos sexuais), garantindo-se o anonimato dos participantes (Castro & Vala, 2013).

O questionário é composto por dados sociodemográficos, como a idade, sexo e função que ocupa na organização desportiva, como também por 10 questões de resposta aberta, onde foram escolhidas as seguintes para análise: “O que entende por abuso sexual”; “Quem são

habitualmente as vítimas?"; "Que sinais podem apresentar as vítimas de abuso sexual?"; "Quem são os agressores e quais as suas características?"; "No contexto Desportivo, considera haver fatores de risco específicos que aumentem a probabilidade de ocorrência de situações de abuso sexual?"; e seis questões de resposta fechada (ver questionário, anexo A).

Procedimentos

Procedimentos de recolha de dados.

Em primeiro lugar foi feita a adaptação do questionário para a comunidade desportiva, tal como já foi explicitado; em seguida foi adaptado o questionário online através do *Qualtrics*, para a recolha dos dados. Este, inicia com o consentimento informado, seguido das questões resposta aberta e fechada. Foi lançado o questionário online, com o objetivo de localizar alguns indivíduos com o perfil necessário para o estudo- a comunidade desportiva; que está dentro da população em geral- Facebook; de seguida, foi solicitado aos participantes do meio desportivo que respondessem e indicassem novos participantes neste contexto ou pertencentes a uma organização desportiva para responderem ao questionário. Neste tipo de amostragem pode acontecer a saturação da amostra, isto é, quando não há novos participantes oferecidos ou encontrados, o que também se sucedeu neste estudo, após dois meses mantido online para a recolha de dados (Vinuto, 2014).

A recolha de dados foi através das partilhas nas redes sociais e diretamente a grupos desportivos. Estes foram informados que o questionário pretendia explorar as representações sociais sobre o abuso sexual no contexto desportivo. Todos os participantes deram o seu consentimento voluntariamente e foi assegurado a confidencialidade das suas identidades ao analisar e relatar os dados recolhidos.

Procedimentos de análise de dados.

Nos dados sociodemográficos, onde foram recolhidos dados sobre a função que representavam na organização desportiva (treinadores, atletas, médicos, árbitros, fisioterapeuta, dirigentes e outros), a maioria enquadrava-se na função de treinadores e atletas (45,3 % e 41,4 %, respetivamente), apenas 13 eram dirigentes.

Dado o volume de informação para análise considerou-se pertinente fazer apenas a análise de cinco questões de resposta aberta, dividida por seis subamostras: atletas do sexo feminino, atletas do sexo masculino, treinadores do sexo feminino, treinadores do sexo

masculino, dirigentes do sexo feminino e dirigentes do sexo masculino. As respostas foram analisadas através do programa de análise qualitativa Nvivo 12, tendo-se optado por uma análise temática (Bazeley & Jackson, 2013).

A Análise temática é um método para identificar, organizar e fornecer sistematicamente *insights* sobre padrões de significado num conjunto de dados. Ao focar o significado no conjunto de dados, a análise temática permite que o investigador faça sentido sobre os significados e experiências coletivos ou partilhados. Identificar significados e experiências únicos e idiossincráticos encontrados apenas em um único item de dados não é o foco deste tipo de análise. Este método, é uma maneira de identificar o que é comum na maneira como um tópico é falado ou escrito e dar sentido a esses pontos comuns (Braunn & Clarke, 2012). Assim, o processo desta análise conteve as seguintes fases: (1) familiarização com os dados – fazendo uma leitura flutuante, repetidamente, dos dados (leitura das respostas a cinco questões de resposta aberta); (2) retirou-se conceitos importantes da leitura para cada questão; (3) gerar temas, subtemas e códigos com base nos conceitos retirados dos dados e teoria, para cada questão; (4) busca de temas - os códigos foram classificados e agrupados em temas potenciais para capturar e resumir as qualidades essenciais dos relatos dos participantes; (5) revisão de temas - os temas candidatos foram revistos em relação aos dados para assegurar uma adequação entre o mapa temático e o conjunto de dados para cada questão; (6) definir e nomear temas - a essência de cada tema (ou seja, o significado central e o padrão dos dados capturados em relação à questão do estudo) foi identificada e os temas, subtemas e códigos foram nomeados e definidos (Braun, & Clarke, 2012; Graça, Calheiros, & Oliveira, 2014; Ferreira, Magalhães & Prioste 2019); (7) Foi feita uma organização por cinco dimensões, tendo em conta as questões abertas apresentadas no questionário. Para cada uma das dimensões foram codificadas as respostas dos participantes, construindo para cada dimensão, uma árvore de temas, subtemas e códigos. As codificações realizadas no Nvivo das respostas dos participantes ficaram agrupadas nos temas, subtemas e códigos, e ficavam identificadas neste programa - nas “referências”. Sendo assim, para efeitos de escrita dos resultados, as codificações feitas das respostas dos participantes nos temas, subtemas e códigos através do Nvivo, serão descritas em texto como unidades de registo.

Os temas, subtemas e códigos identificados surgiram de maneira indutiva através dos dados. Com isto, foi adotada uma análise indutiva, que consiste numa abordagem orientada pelas contribuições dos participantes para nomear e definir temas. No sentido de garantir a validade e fiabilidade do processo de análise, a codificação dos dados foi sistematicamente

discutida com um investigador sénior.

Capítulo III – Resultados

A análise efetuada permitiu criar 18 temas, 59 subtemas e 15 códigos, de forma indutiva. Os resultados serão descritos em detalhe aparecendo a sublinhado os temas, subtemas e códigos.

Abuso Sexual

Dentro desta dimensão surgiram seis temas, 11 subtemas tal como se pode analisar no Quadro 1.

Quadro 1

Temas e Subtemas da dimensão Abuso sexual.

Temas	Subtemas
Consentimento	Não há consentimento Incapacidade
Comportamentos abusivos	Físicos Emocionais Idade
Diferença de poder	Estatuto Física Sexo
Motivos do agressor	Prazer sexual
Outras formas de violência	Assédio Violação

Enquadramento penal

Em termos globais, quando questionados sobre o que é o abuso sexual, os participantes relatam tratar-se de um comportamento abusivo, que se traduz em comportamentos físicos, bem como emocionais, pautada por uma relação onde existem diferenças de poder para o qual não há consentimento por parte da vítima. Para os comportamentos abusivos de cariz físico, as

referências foram encontradas em todas as subamostras dos participantes, sendo que tem como códigos: ações sexuais (Unidades de registo= 192); interação íntima e física (Unidades de registo=110) e violência e ataque à integridade física (Unidades de registo=59). Também para os comportamentos abusivos emocionais, as referências surgiram em todas as subamostras de participantes e para os códigos verbal. (Unidades de registo= 39) e psicológico (Unidades de registo=31).

Finalmente, e ainda que sendo reduzido o número de unidades de registo (6), os participantes do sexo feminino – atletas (Unidades de registo=1), treinadoras (Unidades de registo =4) e dirigentes (Unidades de registo=1) - referem existir um enquadramento penal (Anexo E) desta problemática ("No nosso ordenamento jurídico constitui um crime, previsto e punido no código penal").

Serão descritos agora alguns destes resultados de forma mais detalhada.

Comportamentos abusivos.

Quadro 2

Tema Comportamentos abusivos

Comportamentos abusivos	Unidades de registo
Físicos	
Ações sexuais	192
Interação física e íntima	110
Violência e ataque à integridade física	59
Emocionais	
Verbal	39
Psicológico	31

Tal como se pode verificar pelo Quadro 2, nos comportamentos abusivos físicos, a maioria dos participantes descreve o abuso como uma atividade sexual com comportamentos específicos "penetrações, sexo oral, masturbação"; "Atividade sexual "; "ato de cariz sexual).

Este código emerge em atletas e treinadores do sexo feminino (Unidades de registo= 100), atletas e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=86) e dirigentes de ambos os sexos (Unidades de registo=7)]. São também feitas referências ao facto do abuso sexual envolver interação física e íntima [este código emerge em nas várias subamostras: atletas do sexo feminino (Unidades de registo= 46) e masculino (Unidades de registo= 10); treinadores do sexo feminino (Unidades de registo= 27) e masculinos (Unidades de registo= 22); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo= 3) e masculinos (Unidades de registo= 2)]. A violência e o ataque à integridade física é também mencionado pelos atletas do sexo feminino (Unidades de registo= 26) e masculino (Unidades de registo= 10), treinadores do sexo feminino (Unidades de registo= 8) e masculino (Unidades de registo= 12) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=3).

Nos comportamentos abusivos, de cariz emocional, os participantes consideram que o abuso sexual pode ser verbal [este código emerge em todos os grupos: atletas do sexo feminino (Unidades de registo = 18) e masculino (Unidades de registo= 2); treinadores do sexo femininos (Unidades de registo= 6) e masculino (Unidades de registo= 10); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo= 2) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo= 1).], ou psicológico [este código emerge tanto no grupo de atletas do sexo feminino e masculino (Unidades de registo=8), e pelos treinadores do sexo feminino e masculino (Unidades de registo=11), surgem exemplos como ("Ações físicas ou verbais"; "desrespeitado por outrem em termos de espaço pessoal ou psicológico"; "violência física e emocional").

Verifica-se, também, que existe um número unidades de registo importante ao facto do abuso se tratar de uma problemática para a qual não é dado consentimento (Anexo B), sendo que estas referências emergem também em todos os participantes: treinadores (Unidades de registo=107), atletas (Unidades de registo =97) e dirigentes (Unidades de registo=9), de ambos os sexos ("não consentido" ;"sem o consentimento ").

Diferença de poder.

Os participantes fazem ainda referência ao facto de o abuso sexual existir entre duas pessoas com diferenças de poder (Quadro 3), tendo o agressor um papel de superioridade face à vítima, fazendo os participantes referência a alguns exemplos no contexto desportivo também ("qualquer contato inapropriado ou até algum tipo de comentários entre treinador e atleta"; "Utilização de poder"; "Tirar partido de alguma posição de influência."); apesar do número total de unidades de registo não ser elevado, este destaca-se mais nos treinadores do sexo masculino (Unidades de registo =7) [atletas do sexo feminino (Unidades de registo=2); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=3); treinadores do sexo feminino (Unidades de registo=1)].

Quadro 3

Tema Diferença de poder

Diferença de poder	Unidades de registo
Idade	
Criança	14
Adulto	2
Idoso	1
Estatuto e poder	15
Físico	
Força	2
Sexo	
Feminino vs masculino	3

Neste tema, destaca-se que emergiu um número expressivo de referências ligadas ao facto de a vítima ser uma criança (Quadro 3) – sendo estas referências encontradas em atletas e treinadores do sexo feminino (Unidades de registo= 8) e masculino (Unidades de registo =5).

O abuso sexual surge, de algum modo, associada a outras formas de violência, nomeadamente ao assédio (Anexo C) (Unidades de registo= 11) surgindo essas referências

sobretudo em atletas e treinadores do sexo feminino (Unidades de registo= 5) e atletas e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=5); e com menos expressão, a violação (Unidades de registo =5).

Apesar de também menos expressivo (Unidades de registo= 7), surgem algumas referências ao motivo do abuso ser o prazer sexual (Anexo D) que daí retira o agressor.

Vítimas

Dentro desta dimensão surgiram três temas, 10 subtemas, tal como se pode analisar no Quadro 4.

Quadro 4

Temas e Subtemas da dimensão Vítimas

Temas	Subtemas
Idade	Crianças
	Jovens
	Adultos
	Idosos
Sexo	Feminino
	Masculino
Fatores de risco	Vulnerabilidades
	Económicos, sociais ou psicológicos
	Físicos
	Hierarquia profissional

Em termos globais, quando questionados sobre quem são habitualmente as vítimas, os participantes – i.e., – atletas e treinadores sexo feminino (Unidades de registo= 90) e masculino (Unidades de registo=55); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=3) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=6), fazem referência ao facto de serem crianças (Quadro 5); foram, ainda encontradas 31 unidades de registo ao facto das vítimas poderem ser também jovens na subamostra de atletas e treinadores do sexo feminino e 14 na subamostra de atletas e

treinadores do sexo masculino [dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=1) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=3)]. Serão agora descritos em mais detalhe alguns destes resultados.

Quadro 5

Tema Idade

Idade	Unidades de Registo
Crianças	154
Jovens	49
Adultos	9
Idosos	6

De uma maneira geral, todos os participantes – atletas e treinadores do sexo feminino (Unidades de registo= 111) e masculino (Unidades de registo=90); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=3) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=8), fazem referência ao facto das vítimas serem maioritariamente do sexo feminino [sexo masculino: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=6); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=3); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=2) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=7)].

Quadro 6

Tema Sexo

Sexo	Unidades de registo
Feminino	212
Masculino	18

Foram encontradas algumas referências a fatores de risco associados às vítimas, sobretudo na subamostra dos treinadores [treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=7), treinadores do sexo masculino (Unidades de registo= 11)], nomeadamente ao facto destas apresentarem algumas vulnerabilidades, ainda que não especificadas: “adultos vulneráveis”; “Pessoas frágeis”; “...mais vulneráveis”; “As pessoas mais frágeis e dependentes”. Menos unidades de registo, especificam estes fatores de risco, centrando-as em aspetos de natureza económica, social ou psicológica: "apresentam instabilidade... emocional, social e/ou económica"; "Pessoas com classe social mais desfavorecida, institucionalizadas."

Quadro 7

Tema Fatores de risco

Fatores de risco	Unidades de registo
Vulnerabilidades	21
Económicos, sociais ou psicológicos	10
Físicos	8
Hierarquia profissional	5

Sinais da Vítima

Dentro desta dimensão surgiram seis temas, 19 subtemas, tal como se pode analisar no Quadro 8.

Quadro 8

Temas e Subtemas da dimensão Sinais da vítima de abuso sexual

Temas	Subtemas
Emoções negativas	Medo
	Baixa autoestima
	Revolta e raiva
	Vergonha
	Tristeza
	Apatia
	Insegurança
	Culpa
Comportamentos internalizantes	Isolamento
	Timidez
Sinais Físicos	Marcas físicas
	Repulsa ao toque
	Gravidez e doenças
Sinais psicopatológicos	Depressão
	Sinais psicológicos s/ especificação
	Ansiedade
Comportamentos externalizantes	Mudança de comportamento
	Agressividade
Comportamentos sexuais	Constrangimento na intimidade

De seguida apresentam-se estes resultados de uma forma mais detalhada.

Emoções negativas.

O medo é um subtema com grande expressividade, emergindo nas subamostras de atletas do sexo feminino (Unidades de registo=16); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=9); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=13) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=24). A baixa autoestima emerge nas atletas do sexo feminino (Unidades de registo=8); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo= 4); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=9; dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=1). Com exceção do grupo de dirigentes do sexo feminino. Os sentimentos de revolta e raiva [este subtema emerge nas atletas do sexo feminino (Unidades de registo =5), treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=7), treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=5) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=1)]. A vergonha [atletas femininas (Unidades de registo=5), nos atletas do sexo masculino (Unidades de registo=2), nas treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=3) e nos treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=7)] e a tristeza [atletas do sexo feminino (Unidades de registo=6); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=3) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=5)] são sinais das vítimas mencionados pelos participantes com alguma expressividade na amostra (Quadro 9).

Quadro 9

Temas Emoções negativas

Emoções negativas	Unidades de registo
Medo	62
Baixa autoestima	23
Revolta e raiva	18
Vergonha	17
Tristeza	15
Apatia	12
Insegurança	8
Culpa	3

Comportamentos internalizantes.

Os participantes consideram o isolamento e a timidez como sinais de abuso numa vítima (Quadro 10). O isolamento emerge em todos os grupos da amostra: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=20); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=4); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=11); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=17); dirigentes do sexo feminino e masculino (Unidades de registo=2). E a timidez, o subtema com menos expressividade em termos de referências [atletas do sexo feminino (Unidades de registo=3); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=3); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=4) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=3)].

Quadro 10

Tema Comportamentos internalizantes

Comportamentos Internalizantes	Unidades de registo
Isolamento	54
Timidez	13

Sinais físicos.

São várias as referências ao facto de as vítimas apresentarem marcas físicas (Quadro 11), como por exemplo, "sangramento nos orifícios anal e genital", "marcas na pele", "nódoas negras" e "dores". Este subtema emerge em todos os grupos da amostra: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=54); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=12); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=21) e treinadores masculinos (Unidades de registo=32); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=1); dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=2). Como também surgiram 20 referências ao facto de as vítimas apresentarem repulsa ao toque, sendo que este subtema emerge nos grupos de atletas e treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo atletas= 8 e 8, respetivamente) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=4).

Quadro 11

Tema Sinais Físicos

Sinais Físicos	Unidades de registo
Marcas físicas	122
Repulsa ao toque	20
Gravidez e Doenças	2

Sinais psicopatológicos.

Das respostas dos participantes verificou-se que os participantes consideram determinados sinais psicológicos como sinais de abuso. O que reúne um número mais importante de referências é a depressão e os sinais psicológicos sem especificação (Quadro 12). A depressão emerge no grupo das atletas do sexo feminino (Unidades de registo=24); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=4); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo= 7) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=13) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=1).

São também expressivas as referências aos os sinais psicológicos sem especificação das vítimas de abuso , este subtema emerge em todos os grupos da amostra: atletas so sexo feminino (Unidades de registo=15); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=6); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo= 10); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=15); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo= 1) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=2). Como por exemplo: “marcas psicológicas”.

As referências à ansiedade (Unidades de registo= 9) e tendências suicidas (Unidades de registo= 1) como um sinal das vítimas de abuso, são menos expressivas.

Quadro 12

Tema Sinais Psicopatológicos

Sinais Psicopatológicos	Unidades de registo
Depressão	49
Sinais psicológicos sem especificação	49
Ansiedade	9

Comportamentos externalizantes.

Das respostas dos participantes (Quadro 13) verificou-se que estes consideram que as vítimas podem ainda apresentar um conjunto de comportamentos externalizantes, tais como: mudanças no comportamento [este subtema emerge nos grupos de atletas femininas (Unidades de registo=6); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=4); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=5)] e agressividade [este subtema emerge nos grupos: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=1); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras femininas (Unidades de registo=6); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=2); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=1)].

Quadro 13

Tema Comportamentos externalizantes

Comportamentos externalizantes	Unidades de registo
Mudança no comportamento	16
Agressividade	11

Apesar de em número reduzido verificou-se ainda que os participantes consideram existirem constrangimentos na intimidade ao nível das vítimas. Este subtema emerge nos grupo de atletas do sexo feminino (Unidades de registo=3); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo= 7) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=3) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=1).

Os agressores e as suas Características

Dentro desta dimensão surgiram 2 temas, 12 subtemas, tal como se pode analisar no Quadro 14.

Quadro 14.

Temas e Subtemas da dimensão os agressores e as suas características

Temas	Subtemas
Características dos agressores	Patologização Posição de poder Idade Proximidade com a vítima Físicas Características físicas e psicológicas Sexo
Agressores	Sexo Qualquer pessoa Família Treinadores Amigos

Em termos globais, quando questionados sobre quem são os agressores e quais as suas características, surge, sobretudo em atletas do sexo feminino (Unidades de registo=25) e treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=17) [por comparação com as restantes subamostras: atletas do sexo masculino (Unidades de registo=7; treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=10); dirigentes do sexo masculinos (Unidades de registo=2)] uma patologização dos mesmos (Quadro 14). Os agressores também são representados como pessoas que estão numa posição de poder em relação à vítima, em todas as subamostras, excetuando-se a dos dirigentes: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=24); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=14); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=13); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=7); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=13) ["Pessoas com poder relativamente à vítima", "com posições de trabalho ou na sociedade mais favoráveis que as vítimas"]].

As atletas do sexo feminino (Unidades de registo=13), treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=14) e dirigentes femininas (Unidades de registo=1), fazem referência ao facto de os

agressores, na sua maioria, serem adultos, existindo apenas quatro referências da subamostra das treinadoras femininas (Unidades de registo= 4) que se referem ao agressor poder também ser jovem.

De seguida são descritos em mais detalhe alguns dos resultados.

Características dos agressores.

Quadro 15

Tema Características dos Agressores

Características dos agressores	Unidades de registo
Patologização	
Doença mental	61
Pedofilia	7
Posição de poder	59
Idade	
Adultos	44
Jovens	5
Proximidade com a vítima	32
Características físicas e psicológicas	
Violência/agressividade	20
Força	17
História de violência	13
Manipulação	13
Necessidade de superioridade	7

O agressor é ainda representado, sobretudo nas subamostras do sexo feminino, atletas (Unidades de registo=7), treinadoras (Unidades de registo=5) e dirigentes (Unidades de registo=1), como sendo “forte fisicamente”.

Ainda que sendo poucas as referências, na subamostra de atletas do sexo feminino (Unidades de registo= 9), atletas do sexo masculino (Unidades de registo =6), treinadores do sexo feminino (Unidades de registo=2) e masculinos (Unidades de registo=3) surgem referências ao facto de o agressor ser alguém violento e agressivo (“pessoas violentas”; “característica agressiva”), surgindo algumas referências ainda que menos expressivas, na subamostra de atletas e de treinadores do sexo feminino, ao facto do agressor ter uma história de violência passada - "pessoas que também sofreram agressões na sua infância o que os leva mais tarde a praticar a mesma atividade de abuso sexual" [atletas do sexo feminino (Unidades de registo= 5) e treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=4)].

Nas subamostras do sexo feminino surgem, ainda que de uma forma menos expressiva, referências ao facto de o agressor ser manipulador [atletas do sexo feminino (Unidades de registo= 4); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=6); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=2)], com uma necessidade de superioridade [atletas femininas (Unidades de registo= 4); treinadoras femininas (Unidades de registo=3): “necessidade de se superiorizarem ao outro”.

Para os atletas – atletas do sexo feminino (Unidades de registo=13); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=3) – e treinadores - treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=6) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=6) -, o agressor, pode ser “qualquer pessoa”.

Para alguns participantes – atletas do sexo feminino (Unidades de registo =7), treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=9), treinadores do sexo masculino (Unidades do sexo masculino=13) e dirigentes do sexo feminino (Unidades de sexo masculino=1) – o agressor é também visto como sendo alguém com uma relação de proximidade com a vítima ("adultos próximos das crianças e jovens"), incluindo elementos da família (“Familiares”; “pais”). Os treinadores são apontados e algumas referências como agressores quando os participantes pensam no contexto desportivo: " Num contexto do desporto diria que poderão ser os treinadores” [atletas do sexo feminino (Unidades de registo =7); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=4) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=5)].

Agressores.

Das respostas dos participantes verificou-se que os participantes têm uma representação sobre quem é o agressor, este sendo maioritariamente do sexo masculino, consoante mais expressividade nas referências no código masculino, este emerge em todas as subamostras: atletas do sexo feminino (Unidades de registo =28); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=14); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=15); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo =25); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=1) e dirigentes do sexo masculino (Unidades de registo=4). Relatam também que o agressor pode ser um elemento da família; este subtema emerge em todas as subamostras: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=12); atletas do sexo masculino (Unidades de registo =1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=7); treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=10); dirigentes do sexo feminino (Unidades de registo=2) e dirigentes do sexo masculinos (Unidades de registo=1) (Quadro 16).

Quadro 16

Tema Agressores

Agressores	Unidades de registo
Sexo	
Masculino	87
Feminino	11
Família	33
Qualquer pessoa	28
Treinadores	16
Amigos	9

Ainda é mencionado o facto de que qualquer pessoa pode ser o agressor: atletas do sexo feminino (Unidades de registo=13); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=3);

treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=6) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=6). Como por exemplo: "os agressores podem ser qualquer pessoa".

Fatores de Risco no Contexto Desportivo

Dentro desta dimensão surgiu um tema e sete subtemas, tal como se pode analisar no quadro seguinte.

Quadro 17

Tema Fatores de risco específicos no contexto desportivo

Fatores de risco no contexto desportivo	Unidades de registo
Contacto físico	22
Relação de proximidade	17
Balneários	9
Estatuto e poder	8
Confiança dos pais nos técnicos	5
Exposição do corpo	4
Isolamento nos estágios	4

Das respostas dos participantes verificou-se que estes referem vários fatores de risco no contexto desportivo, surgindo como mais expressivos o contato físico – [este subtema emerge nas subamostras de atletas do sexo feminino (Unidades de registo=13); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=1) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=7)]: "Como existe mais contacto físico no desporto o risco aumenta".] – e as relações de proximidade [este subtema emerge nas atletas do sexo feminino (Unidades de registo=10), nas treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=3) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=4)]: "As relações muito aproximadas entre treinadores e atletas"; "Passam muito tempo juntos e conhecem-nos bem, havendo frequentemente relações de amizade".

Ainda que de forma residual é feita referência ao risco aumentar nos balneários [este subtema emerge nas subamostras de atletas do sexo feminino (Unidades de registo=3), atletas do sexo masculino (Unidades de registo =1), treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=2) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=3)]. Como por exemplo: "Pode haver para as crianças nos balneários".].

É também mencionado, mas com menos expressividade nas referências: o estatuto e poder [atletas do sexo feminino (Unidades de registo =14); atletas do sexo masculino (Unidades de registo=1); treinadoras do sexo feminino (Unidades de registo=2) e treinadores do sexo masculino (Unidades de registo=1)].

Capítulo IV -Discussão

Os indivíduos produzem teorias sobre a realidade social com o objetivo de construir um mundo significativo. Esta produção é feita em interação social e através da comunicação quotidiana, acontecendo em contextos sociais distintos., pelo que se pode dizer que se trata de um conhecimento social ou pensamento social (Castro & Vala, 2013; Andrade et al., 2016).

As representações sociais de diferentes atores da comunidade desportiva – dirigentes, treinadores e atletas – resultarão de construções realizadas enquanto indivíduos, mas também enquanto elementos desta comunidade ou deste contexto. Neste sentido, este estudo teve como objetivo identificar as representações sociais sobre o abuso sexual, as características dos agressores, fatores de risco e sinais que as vítimas apresentam, no contexto desportivo.

No que se entende por Abuso Sexual na comunidade desportiva, os resultados revelaram que os participantes têm uma representação sobre esta problemática bastante alargada, tendo em conta que os mesmos fazem referência ao consentimento, i.e., à falta dele, não se cingindo apenas a comportamentos específicos como “penetração”, “sexo oral”, “masturbação”, mas contemplando comportamentos abusivos que referem ser de natureza emocional. Apesar da literatura mencionar que o abuso sexual pode ser considerado um ato sexual ou uma atividade de natureza sexual (Bates et al., 1978; Hartill, 2009; Leahy et al., 2002), com contato físico (Agulhas & Alexandre, 2018; Fazenda, 2015), sendo muitas vezes reportado que existe força física e relações sexuais (Fazenda, 2010), estes resultados sugerem que os participantes têm um conhecimento limitado sobre o que é o abuso sexual, tendo em conta que este também pode implicar comportamentos que não envolvem contato físico como voyeurismo, o exibicionismo, a exposição a pornografia, chamadas obscenas, exibicionismo, favorecer, facilitar ou fomentar a prática da prostituição, ou forçar a criança a presenciar atos sexuais de terceiros (art.º 171º, CPP). A referência a comportamentos abusivos de cariz emocional ou verbal parecem denotar uma confusão com outras formas de violência, como por exemplo a violência doméstica que engloba diferentes tipos de abuso, um deles a violência emocional, ou com o próprio conceito de assédio sexual, que remete para uma atenção indesejada de natureza sexual e de género, linguagem desagradável, ameaças, toques não consentidos pela vítima (Brackenridge & Fasting, 2005; Kirby, 1995).

Um dado importante remete para o facto de serem feitas referências ao não consentimento por parte da vítima que o abuso implica, o que pode sugerir que esta questão possa ser reforçada junto da comunidade desportiva, aumentando a consciência sobre este

fenómeno, procurando-se minimizar a probabilidade de manter um segredo, típica das situações de abuso sexual (Habigzang, Koller & Ramos, 2011).

A criança surge como principal vítima de situações de abuso sexual onde o agressor exerce poder sobre ela. Também é mencionado por todos os participantes o facto de a vítima ser maioritariamente do sexo feminino (Adami et al., 2017; Hartill, 2009) e de existir uma relação assimétrica, em termos de poder, estatuto e idade, entre agressor e vítima. Estes resultados mostram que os participantes têm uma representação próxima sobre características das vítimas e dos agressores, tendo em conta os dados de incidência, e o que é veiculado muitas vezes através dos media. A assimetria de poder vem também espelhada no contexto desportivo, o que vai ao encontro da literatura tendo em conta que os estudos indicam que os agressores sexuais normalmente são figuras de autoridade, nomeadamente treinadores ou elementos da equipa técnica (Brakenridge et al., 2008).

Existe uma patologização do agressor, havendo referência ao facto deste ter doença mental. Estes dados vão ao encontro de outros estudos não só de agressores sexuais como agressores em casos de violência doméstica (Conde & Machado, 2010).

O *modus operandi* do agressor é percebido pelos participantes, mesmo no contexto desportivo, dado fazerem referência ao facto deste procurar ter uma relação de confiança com a vítima (Adami et al., 2017; APA, 2018). O contexto desportivo torna-se, assim, um contexto de risco tendo em conta que implica uma relação de grande proximidade entre treinador e atleta (Agulhas & Alexandre, 2018).

Ainda que, com menos expressividade em termos de referências, o isolamento nos estágios foi também mencionado como fator de risco deste ambiente. Esta questão remete para algumas características que os agressores tentam encontrar nas vítimas: menor supervisão e isolamento (Agulhas et al., 2019)

Na dimensão do conjunto de sinais possíveis das vítimas de abuso sexual, os resultados revelam que a comunidade desportiva identifica emoções negativas, comportamentos internalizantes, sinais físicos, sinais psicopatológicos, comportamentos externalizantes e comportamentos sexuais. O medo e a baixa autoestima são as emoções negativas mais partilhadas na comunidade desportiva para representar alguns dos sinais das vítimas de abuso (com a exceção das dirigentes do sexo feminino). Sentimentos de revolta e raiva fazem parte também dos sinais da vítima partilhados pela comunidade, sendo mais expressivo o conhecimento partilhado pelas atletas e treinadoras do sexo feminino. A vergonha e tristeza são

emoções negativas experienciadas pelas vítimas segundo a representação dos treinadores e atletas de ambos os sexos. O isolamento é o comportamento internalizante que toda a comunidade desportiva tem conhecimento partilhado, como sinal da vítima de abuso. A vítima tem sinais físicos, como marcas que foi partilhado por toda a comunidade, sem especificarem exatamente quais as lesões físicas. Contudo, foi mencionado uma vez pelas atletas do sexo feminino “consequências nos órgãos genitais”. Segundo Fazenda (2010), são identificadas algumas crenças que a sociedade suporta, nomeadamente: as situações de abuso deixam sempre marcas físicas do abuso. A depressão e sinais psicológicos sem especificação por parte da comunidade, foram conhecimento partilhado por toda a comunidade desportiva, de sinais psicopatológicos de uma vítima de abuso. A ansiedade, com menos expressividade, foi apontada como sinais das vítimas pelos treinadores e atletas. Como comportamentos externalizantes a comunidade identificou na sua maioria como mudanças de comportamento e a agressividade, conhecimento partilhado pelos treinadores e atletas na sua maioria. Os sinais das vítimas podem conter indicadores comportamentais, incluindo comportamentos externalizantes, que de facto é consistente com uma maior agressividade, irritabilidade e como exemplo de uma mudança de comportamento- o declínio do rendimento escolar (Aguilhas & Alexandre, 2018). Nos comportamentos sexuais a comunidade com exceção das dirigentes femininas, identificou constrangimento na intimidade como sinal de uma vítima de abuso. Estes resultados revelam algum conhecimento partilhado à cerca dos sintomas das vítimas por parte da comunidade desportiva pois a literatura está de acordo que o abuso sexual tem impactos negativos na saúde mental das crianças e jovens vítimas, tendo consequências a curto e longo prazo na saúde da vítima. Estas consequências são manifestadas tanto física como psicologicamente. Maior agressividade, irritabilidade e mudança de comportamento (declínio do rendimento escolar) são exemplos de algumas consequências. Como também, manifestações físicas: gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e outras lesões físicas; manifestações psicológicas: perturbação cognitiva, emocional e comportamental, sintomatologia ansiosa e depressiva associada a perturbação pós stress traumático; manifestações sociais: o abandono escolar, disfunção familiar; e comportamentos sexualizados como: a prostituição, masturbação compulsiva, promiscuidade sexual, comportamento sexual inadequado para a idade e expressão sexualizada do afeto (Adami et al., 2017; Aguilhas e Alexandre, 2018; Alaggia, 2010; APA, 2018). O facto de as crianças demonstrarem comportamentos explícitos de abuso sexual é identificado como uma crença que a sociedade suporta (Fazenda, 2010).

Conclusões

Este estudo veio permitir analisar que os elementos da comunidade desportiva têm uma representação do abuso sexual em geral, das vítimas e dos agressores, espelhado num conhecimento mais adequado desta problemática. Esta questão é fundamental se pensarmos na importância de realizar ações de prevenção junto destes públicos. Visto que a média de idades dos participantes é de 33 anos e que se considerou atletas com mais de 18 anos, seria interessante usar este conhecimento para futuramente trabalhar com atletas de idade inferior em ações preventivas. Na perspetiva das representações sociais da comunidade desportiva resultaram construções de conhecimento partilhado enquanto indivíduos, mas também enquanto profissionais da área de desporto.

É de notar a importância desta amostra com um número de participantes significativo neste estudo, pois existem poucos estudos em Portugal sobre esta problemática no contexto do desporto. Apesar do estudo ter sido divulgado junto de várias potenciais funções na organização desportiva, as respostas dos participantes foram na sua maioria de treinadores e atletas, não tendo havido oportunidade de adicionar médicos, fisioterapeutas, árbitros ou outros membros de uma organização desportiva na análise. Esta será uma questão importante a considerar em estudos futuros.

Tendo em conta que o número de unidades de registo sobre fatores de risco específicos do contexto desportivo foi menos expressivo do que para as outras dimensões, seria importante explorar em investigações futuras que se foquem apenas neste ponto, tendo em conta que o facto das perguntas serem abertas pode ter gerado um menor número de unidades de risco sobre esta matéria considerando-se que era uma das últimas questões do questionário.

Não obstante estas questões espera-se que este estudo venha a abrir caminho, realização e ações de formação em clubes, envolvendo entidades maiores (IDPJ e Comité Olímpico de Portugal). Em que se crie uma ligação entre a academia com estas entidades para promover sistemas de proteção das crianças.

Referências

- Adami, F., Chehab, D., Daboin, G., E., B., Figueiredo, W., S., F., Paiva, S., L., A., M., & Reato, N., F., L. 2017. *Sexual abuse characteristics in Santo André, São Paulo, Brazil: from victims to aggressors, from diagnosis to treatment*. J Hum Growth Dev. 27(2). 228-234.
- Agulhas, R. & Alexandre, J. (2018). Abrir uma caixa de Pandora...Ou falar de Abuso sexual em crianças e jovens no desporto. In J.M. Constatino & M. Machado (Eds.), *Desporto, género e sexualidade*. (1ª ed., pp. 213-237). Lisboa: Visão e Contextos, Edições e Representações.
- Alaggia, R. (2010). An ecological analysis of child sexual abuse disclosure: Considerations for child and adolescent mental health. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 19(1), 32–39.
- American Psychology Association. 2018. *Sexual Abuse*. [online].[viewed 1 December 2018]. Available from: <https://www.apa.org/topics/sexual-abuse/index.aspx>
- Andrade, G., R., E., Melo, N., S., E., Nóbrega, O., D. 2016. *Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais Psicologia & Sociedade*. 28 (3). 433-441.
- Assembleia Geral das Nações Unidas. 1989. *Convenção dos Direitos da Criança*. [PDF]. Retirado de: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Australian Sports Commission. 2006. *The case for sport in Australia*. Canberra: Australian Sports Commission.
- Barth, J., Bermetz, L., Heim, E., Trelle, S., & Tonia, T. 2012. *The current prevalence of child sexual abuse worldwide: a systematic review and meta-analysis*. *International Journal of Public Health*, 58(3), 469–483
- Bates, R., Klaus, L., S. Martin, P., M. 1978. *Annual review of child abuse and neglect research*. U.S. department of health, education and welfare.
- Bazeley, P., & Jackson, K. (2013). *Qualitative Data Analysis with NVivo* - Google Books. In SAGE Publications.
- Bentovim, A., & Tranter, M. 1988. *The sexual abuse of children and the courts*. *Issues in Criminological & Legal Psychology*, 13, 55-61.
- Brackenridge, C. H., Bishopp, D., Moussalli, S. and Tapp, J. 2008. *The characteristics of sexual abuse in sport: A multidimensional scaling analysis of events described in media reports*. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 6: 365–406

- Brackenridge, C., & Fasting, K. (2005). The Grooming Process in Sport: Narratives of Sexual Harassment and Abuse. *Auto/Biography*, 13(1), 33–52. <https://doi.org/10.1191/0967550705ab0160a>
- Brackenridge, C., Cense, M. 2001. *Temporal and developmental risk factors for sexual harassment and abuse in sport*. *European Physical Education Review*. 7(1).61–79.
- Braun, V. & Clarke, V. (2012) Thematic analysis. In Cooper, H. (Ed.), *The Handbook of Research Methods in Health Social Sciences*.
- Cardoso, D. C. I. L. (2016). *Abuso sexual infantil* (Master's thesis).
- Castro, P. 2002. *Análise Social*. vol. 37 (164). 949-979.
- Castro, P., Vala, J. (2013). In J. Vala, & M. B. Monteiro, (Eds.), *Psicologia social* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cawson, P., Wattam, C., Brooker, S., & Kelly, G. (2000). *Child maltreatment in the United Kingdom: A study of the prevalence of abuse and neglect*. London: NSPCC..
- Child Protection in Sports Unit. 2006. *Standards for safeguarding and protecting children in sport* (revised). CPSU: Leicester
- Conde, A. R., & Machado, C. (2010). Violência conjugal: Representações e significados no discurso mediático. *Psicologia*, 24(1), 17-47.
- CP [Código Penal Português]. 1995. Atualizado até à Lei n.º 44/2018 de 09/08. Available from: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=109A0171&nid=109&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=
- Diário da República n.º 181/2009, Série I de 2009-09-17. Assembleia da República. Lei n.º 113/2009.
- Dias, J.M., Santos, G. T. 2015. *Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica*. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*. 8 (1), 173-187.
- Fazenda, I. (2015). Representações sociais do abuso sexual de crianças numa amostra de médicos e enfermeiros dos cuidados de saúde primários. *Cadernos de Psiquiatria Social e Cultural*, 95.
- Fazenda, I. M. E. M. (2010). Representações sociais em torno do abuso sexual de crianças numa amostra de médicos e enfermeiros dos cuidados de saúde primários (Dissertação de Mestrado em Psiquiatria Cultural. Coimbra. Universidade de Coimbra. Faculdade de Medicina).
- Ferreira, S., Magalhães, E., & Prioste, A. (2019) Social Support and Mental Health of Young People in Residential Care: A Qualitative Study. *Anuario de Psicología Jurídica* 2019.
- Figueiredo, B., Bifulco, A., Paiva, C., Maia, Â., Fernandes, E., & Matos, R. 2004. *History of childhood abuse in Portuguese parents*. *Child Abuse & Neglect*, 28 (6), 669–682.

- Graça, J., Calheiros, M. M., & Oliveira, A. (2014). Moral disengagement in harmful but cherished food practices? An exploration into the case of meat. *Journal of agricultural and environmental ethics*, 27(5), 749-765.
- Guerra, P. (2016). *Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo*. Almedina: Coimbra
- Habigzang, L. F., Ramos, M. D. S., & Koller, S. H. (2011). The disclosure of sexual abuse: adopted measures by the support network. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 467-473.
- Hartill, M. 2009. *The Sexual Abuse of Boys in Organized Male Sports*. Men and Masculinities. Vol. 12 (2). 225-249.
- Kirby, S. (1995). Not in my backyard: Sexual harassment and abuse in sport. *Canadian Woman Studies*, 15(4).
- Leahy, T., Pretty, G., Tenenbaum, G., 2002. *Prevalence of sexual abuse in organised competitive sport in Australia*. *Journal of Sexual Aggression: An international, interdisciplinary forum for research, theory and practice*. Vol.8(2). 16-36.
- Lopes, A. C. A. (2017). *“Picos e Avelã à descoberta da Floresta do Tesouro!”: construção de um programa de prevenção primária de abuso sexual para crianças em idade pré-escolar* (Doctoral dissertation).
- Marques, C., Aguiar, C., & Agulhas, R. (2019). Modus Operandi dos Abusadores Sexuais de Crianças – Relatos de reclusos condenados. In M. M. Calheiros & E. Magalhães, L. Monteiro. (Eds.). *Crianças em Risco e Perigo—Contextos, Investigação e Intervenção—Vol. 5*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Mateus, M. I. 2012. *Prevalência de abuso sexual em crianças portuguesas*. Ispa Instituto Universitário.
- Moraes, P. R., Souza, I. C. D., Pinto, D. A. D. O., Estevam, S. J., & Munhoz, W. A. (2014). A teoria das representações sociais. *Revista em Foco*. São Paulo, 8(1), 1-14.
- Murphy, G. H. (2003). Capacity to consent to sexual relationships in adults with learning disabilities. *Journal of Family Planning and Reproductive Health Care*, 29(3), 148–149. <https://doi.org/10.1783/147118903101197520>
- Neto, C., Nery, M. (2018). Sexualidade e poder no desporto de formação; Estereótipos sexuais, identidade sexual e homossexualidade. In J.M. Constantino & M. Machado (Eds.), *Desporto, género e sexualidade*. (1ª ed., pp. 213-237). Lisboa: Visão e Contextos, Edições e Representações
- Paiva Júnior, F. G. de, Leão, A. L. M. de Se., & Mello, S. C. B. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração DOI: 10.5007/2175-8077.20011v13n31p190. *Revista de Ciências Da Administração*, 13 (31). <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2011v13n31p190>

Parent, S., Hlimi, K. E. 2012. *Sexual abuse of young people in sport*. [online]. [viewed 1 December 2018]. Retirado de: <https://www.inspq.qc.ca/en/sexual-assault/fact-sheets/sexual-abuse-young-people-sport>

Rateau, P., Moliner, P., Guimelli, C., & Abric, J. C. (2011). Social representation theory. *Handbook of theories of social psychology*, 2, 477-497.

Research Methods in Psychology. Washington, DC: American Psychological Association.

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, (44). Vala, J., & Monteiro, M. B. (Eds.) (2013). *Psicologia social* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

Anexo A: Questionário

“Quais as Representações Sociais sobre o Abuso Sexual na Comunidade Desportiva”

Introdução:

A investigação para a qual solicitamos a sua colaboração está a ser desenvolvida no âmbito do Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens do ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa, pela mestrandia Maria Gama, sob supervisão da Professora Doutora Joana Alexandre.

Pretende-se com esta investigação averiguar que representações existem sobre a problemática do abuso sexual em contextos desportivos. Para o efeito gostaríamos que participassem apenas pessoas que estão ligadas a este contexto: dirigentes, atletas maiores de 18 anos, treinadores, médicos, fisioterapeutas ou outros profissionais que atuem neste contexto.

A sua participação nesta investigação é de enorme importância pois confere um contributo de grande relevância à temática em questão. Não existem respostas certas ou erradas, queremos apenas a sua opinião.

A sua participação é naturalmente voluntária e é livre de desistir a qualquer momento se assim o desejar. O questionário demora apenas 10 minutos a ser respondido. Caso aceite participar, pedimos-lhe que responda a todas as questões, mesmo que seja de forma breve.

Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, sendo tratados de forma global e não individualizada.

Ao aceitar preencher o questionário declara ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e do que lhe é pedido, participando voluntariamente e concorda que os dados sejam trabalhados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo, não restringindo o uso dos resultados para os quais o estudo se dirige.

Caso tenha alguma questão relativa ao questionário queira por favor enviar um email para maria_gama@iscte-iul.pt

Gratas pela sua disponibilidade e colaboração!

1. O que entende por abuso sexual?
2. Sabe se o abuso sexual é um crime para qual existe uma moldura penal específica?
Sim ou Não
3. Quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual?
4. Que sinais podem apresentar as vítimas de abuso sexual?
5. Quem são os agressores e quais as suas características?
6. Já alguma vez se viu numa situação em que achou estar na presença de um/a atleta menor de idade, vítima de abuso sexual?
Sim
Não
Prefiro não responder
7. Em caso afirmativo, o que o levou a pensar nisso?
8. Como reagiu?
9. Conhece os mecanismos existentes para apresentar uma queixa?
Sim
Não
10. O que leva as pessoas a não reportar uma eventual situação de abuso sexual? O que pesa nessa decisão (de reportar ou não)?
11. No contexto Desportivo, considera haver fatores de risco específicos que aumentem a probabilidade de ocorrência de situações de abuso sexual?
12. Considera que existem sistemas internos de proteção de crianças e jovens que visem prevenir potenciais situações de abuso sexual (i.e dentro de organizações desportivas a proteção das crianças é assegurada por exemplo através de regulamentos de conduta em balneários). Em caso afirmativo, quais?

13. Consideraria útil serem pensadas formações ou workshops sobre a temática do abuso sexual (por ex., aumento de conhecimentos sobre o tema, competências para lidar com uma potencial situação de abuso sexual) para profissionais da área desportiva?

14. Para finalizar gostaríamos de lhe pedir alguma informação pessoal. Sexo:

Masculino

Feminino

15. Idade: _____

16. Dentro da organização desportiva à qual pertence, que função ocupa:

-Atleta

-Dirigente

-Treinador

-Médico

-Fisioterapeuta

-Árbitro

-Outra

Se respondeu outra, qual? _____

17. Este espaço é seu. Use-o se quiser deixar algum outro comentário sobre a problemática em questão.

Anexo B: Abuso sexual - Consentimento

Consentimento	Unidades de registo
Não há consentimento	213
Incapacidade de consentimento	15

Anexo C: Abuso sexual - Outras formas de violência

Outras formas de violência	Unidades de registo
Crimes contra a liberdade sexual	
Assédio	11
Violação	5

Anexo D: Abuso sexual - Motivos do agressor

Motivos do agressor	Unidades de registo
Prazer sexual	7

Anexo E: Abuso sexual- Enquadramento penal

Enquadramento penal	Unidades de registo
	6

Anexo F: Sinais da vítima- Comportamentos sexuais

Comportamentos Sexuais	Unidades de registo
Constrangimento na intimidade	15

Anexo G: Definições operacionais dos resultados

Abuso sexual

- 1. Consentimento:** Este tema surgiu dos dados da amostra. De acordo com o Código Penal, o consentimento informado é a escolha de participar voluntariamente numa determinada situação, que implica ter capacidade de compreensão da natureza e consequências desta.
 - 1.1. Não há consentimento:** este subtema surgiu através dos dados dos participantes, e consiste na inexistência de consentimento por parte das vítimas
 - 1.2. Incapacidade de consentimento:** surgiu através dos dados dos participantes, e consiste na incapacidade de as vítimas darem o consentimento, seja verbal ou fisicamente.

- 2. Comportamentos Abusivos:** Este tema surgiu através dos dados, sendo que os participantes mencionaram diferentes tipos de comportamentos que se enquadravam em comportamentos físicos e emocionais, isto é, no que estes entendem por abuso sexual foi necessário para os participantes tipos de comportamento que representem o abuso sexual.
 - 2.1. Físicos:** este subtema surgiu dos dados da amostra e está também descrito na lei. Os atos sexuais que envolvem comportamentos que estão descritos na lei, são na sua maioria comportamentos físicos.
 - 2.1.1. Ações sexuais:** este código surge dos dados da amostra, e consiste na descrição de abuso sexual (comportamentos) que os participantes usam na maioria das suas respostas, descrevendo sempre como uma atividade sexual com comportamentos específicos sexuais também.
 - 2.1.2. Interação íntima e física:** este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que o abuso sexual é um ato onde envolve interação física e íntima.

2.1.3. Violência e ataque à integridade física: este código surge dos dados da amostra, e consiste na descrição dos participantes para quando a vítima é atacada fisicamente, com comportamentos físicos de força ou violência.

2.2. Emocionais: este subtema, surge nos dados da amostra, pois os participantes muitas vezes distinguem comportamentos sexuais dos abusos sexuais como físicos ou emocionais.

2.2.1. Verbal: Este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que o abuso sexual pode ter comportamentos verbais e não é só físico.

2.2.2. Psicológico

Este código surge dos dados da amostra, quando os participantes consideram que o abuso sexual praticado a nível psicológico.

3. Diferença de poder: Este tema surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que a diferença de poder também está presente nos casos de abusos sexual.

3.1. Idade: este subtema, surge com os dados da amostra. A diferença de poder, em relação à idade - por exemplo criança vs adulto- entre o agressor e a vítima.

3.1.1. Criança: este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que no abuso sexual existe uma diferença de poder na idade, neste caso entre adulto e criança.

3.1.2. Adulto: este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que no abuso sexual existe uma diferença de poder na idade, neste caso o adulto pode ser a vítima.

3.1.3. Idoso: este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que no abuso sexual existe uma diferença de poder na idade, neste caso com idosos.

3.2. Estatuto e poder: este subtema surge com os dados da amostra, consiste na diferença de poder que pode existir entre o agressor e a vítima, por exemplo dentro da organização desportiva

3.3. Físico: este subtema, surge com os dados da amostra, mas é também evidenciado pela teoria, a diferença de poder, muitas vezes físico, entre o agressor e a vítima.

3.3.1. Força: Este código surge dos dados da amostra, em que também é mencionado na teoria. No abuso sexual existe um diferencial de poder, neste caso a força entre o agressor e a vítima.

3.4. Sexo: este subtema, surge com os dados da amostra, a diferença de poder, em relação ao sexo - feminino vs masculino- entre o agressor e a vítima.

5.2.1 Feminino vs masculino: este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que no abuso sexual existe uma diferença de poder entre o sexo feminino e masculino.

4. Motivos do agressor: Este tema surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem consequências que podem resultar de um abuso sexual, tanto para a vítima, como para o agressor.

4.1. Prazer sexual: este subtema surge com os dados da amostra, é considerado pelos participantes uma motivação dos agressores, que faz parte do abuso sexual

5. Outros formas de violência: este tema surge dos dados da amostra, quando os participantes mencionam que o abuso sexual é outros tipos de crimes sexuais.

6.1. Crimes contra a liberdade sexual: este subtema surge com os dados da amostra, descrito pelos participantes que o abuso sexual pode ser outro tipo de crime sexual.

6.1.1. Assédio: este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que abuso sexual é assédio.

6.1.2. Violação: este código surge dos dados da amostra, quando os participantes descrevem que abuso sexual é uma violação.

6. Enquadramento penal: Este tema surgiu com os dados da amostra. O Código Penal Português contém os princípios e as regras de Direito Penal pelas quais se rege a justiça de Portugal. Está presente no código penal, quando algo é punível por lei. Neste contexto do abuso sexual, estamos a lidar com os crimes sexuais, que são puníveis pela lei.

Vítimas

1. Idade: este tema surge dos dados da amostra, em que se refere à idade das vítimas de abuso sexual.

1.1.Crianças: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são crianças.

1.2.Jovens: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são jovens.

1.3.Adultos: este subtema “adultos”, surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são adultas.

1.4.Idosos: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são idosas.

2. Sexo: «Este subtema surge dos dados da amostra e da teoria, em que se refere ao sexo das vítimas de abuso sexual.

2.1.Feminino: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são do sexo feminino, o que vai ao encontro da teoria.

2.2.Masculino: este tema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são do sexo masculino.

3. Fatores de risco: este tema surge dos dados da amostra, em que se refere a vulnerabilidades que caracterizam as vítimas de abuso sexual, segundo os participantes.

3.1.Vulnerabilidade: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são indivíduos com algum tipo de vulnerabilidade, ainda que não especificada pelos participantes.

3.2.Económicos, sociais ou psicológicos: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são indivíduos com algum tipo de vulnerabilidade económica, social ou psicológica.

3.3.Físicos: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são indivíduos com algum tipo de vulnerabilidade física.

3.4.Hierarquia profissional: este subtema surge dos dados da amostra e da teoria e refere-se a quem são habitualmente as vítimas de abuso sexual são indivíduos com algum tipo de vulnerabilidade, por exemplo a hierarquia profissional ou no contexto desportivo.

Sinais da vítima

1. Emoções negativas: este tema surge dos dados da amostra, consoante o que os participantes consideraram ser sinais da vítima de abuso sexual, em que consideraram emoções negativas enquanto sinais da vítima.

1.1.Medo: este subtema surge dos dados da amostra, refere-se ao medo que as vítimas de abuso podem apresentar.

1.2.Baixa autoestima: este subtema surge dos dados da amostra, refere-se à autoestima que as vítimas de abuso podem apresentar, que por sua vez é mais baixa.

- 1.3.Revolta e raiva:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a sentimentos de raiva e revolta que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 1.4.Vergonha:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se à vergonha que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 1.5.Tristeza:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se à tristeza que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 1.6.Apatia:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a sinais de apatia associado a comportamentos de desmotivação que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 1.7.Insegurança:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se à insegurança que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 1.8.Culpa:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se ao sentimento de culpa que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 2. Comportamentos internalizantes:** este tema surge dos dados dos dados da amostra, consoante o que os participantes consideraram sinais da vítima de abuso sexual, em que se organizou no tema de comportamentos internalizantes.
- 2.1.Isolamento:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se ao isolamento que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 2.2.Timidez:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a comportamentos de timidez que as vítimas de abuso podem apresentar.
- 3. Sinais físicos:** este tema surge dos dados da amostra, em que os participantes identificaram sinais físicos das vítimas.

- 3.1.Marcas físicas:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se aos sinais físicos da vítima de marcas físicas resultantes do abuso, como dor, consequências a nível dos órgãos genitais ou nódoas negras.
- 3.2.Repulsão ao toque:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a comportamentos de repulsão ao toque que as vítimas podem apresentar.
- 3.3.Gravidez e doenças:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se aos sinais físicos da vítima como por exemplo uma gravidez ou doenças.
- 4. Sinais psicopatológicos:** este tema surge dos dados da amostra, em que os participantes identificaram sinais do foro psicológico que as vítimas podem apresentar.
- 4.1.Depressão:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a outros tipos de sinais do foro psicológico que a vítima pode apresentar como por exemplo, depressão.
- 4.2.Sinais psicológicos sem especificação:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a outros tipos de sinais do foro psicológico que a vítima pode apresentar.
- 4.3.Ansiedade:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a outros tipos de sinais do foro psicológico que a vítima pode apresentar como por exemplo, ansiedade.
- 4.4.Tendências suicidas:** este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a outros tipos de sinais que a vítima pode apresentar como por exemplo, tendências suicidas
- 5. Comportamentos externalizantes:** este tema surge dos dados dos dados da amostra, consoante o que os participantes consideraram sinais da vítima de abuso sexual, em que se organizou no tema de comportamentos externalizantes.

5.1.Mudança no comportamento: este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a uma mudança no comportamento que as vítimas de abuso podem apresentar.

5.2.Agressividade: este subtema surge dos dados da amostra, refere-se à agressividade que as vítimas de abuso podem apresentar.

6. Comportamentos sexuais: este tema surge dos dados da amostra, em que os participantes identificam comportamentos sexuais que a vítima pode apresentar como sinais de abuso.

6.1.Constrangimento na intimidade: este subtema surge dos dados da amostra, refere-se a comportamentos de constrangimento na intimidade que as vítimas podem apresentar.

Os agressores e as suas características

1. Características dos Agressores: este tema consiste em caracterizar os agressores, segundo as representações dos participantes. Surge naturalmente dos dados da amostra em seguida à questão.

1.1. Patologização: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se à psicopatologia do agressor.

1.1.1. Doença mental: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes mencionam a doença mental como características dos agressores.

1.1.2. Pedofilia: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes consideram os agressores como pedófilos.

1.2.Posição de poder: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se à posição social em que o agressor se encontra, em que os participantes mencionam o poder que agressor detém sobre a vítima, como característica deste.

1.3.Idade: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se à idade dos agressores. Teve 49 referencias na análise de dados da amostra.

1.3.1. Adultos: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes mencionam idade dos agressores, neste caso - fase adulta.

1.3.2. Jovens: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes mencionam idade dos agressores, neste caso - fase jovem.

1.4.Proximidade com a vítima: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se à existência de uma proximidade do agressor com a vítima.

1.5.Características físicas e psicológicas: este subtema surge dos dados da amostra e refere-se às características emocionais, pessoais e culturais dos agressores, representadas pelos participantes.

1.5.1. Violência/agressividade: este código surge dos dados da amostra, caracterizando o agressor como agressivo e violento.

1.5.2. Força: este código surge dos dados da amostra, caracterizando o agressor como forte, em relação à vítima.

1.5.3. História de violência: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes mencionam que um historial de violência é uma característica dos agressores.

1.5.4. Manipulação: este código surge dos dados da amostra, caracterizando a agressor como manipulador.

1.5.5. Necessidade de superioridade: este código surge dos dados da amostra, caracterizando os agressores com uma necessidade de superioridade.

2. Agressores: este tema surge naturalmente dos dados da amostra, em seguida à questão. Consiste em identificar quem são os agressores, segundo as representações dos participantes.

2.1.Sexo: este subtema surge dos dados da amostra, os participantes identificam o agressor referindo apenas o sexo destes

2.1.1. Masculino: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes mencionam que os homens, especificamente são os agressores.

2.1.2. Feminino: este código surge dos dados da amostra, em que os participantes mencionam que as mulheres, especificamente são as agressoras.

2.2.Família: este subtema surge dos dados da amostra, os participantes identificam o agressor como família da vítima.

2.3.Qualquer pessoa: este subtema surge dos dados da amostra, os participantes identificam que o agressor pode ser qualquer pessoa.

2.4.Treinadores: este subtema surge dos dados da amostra, os participantes identificam o agressor como treinadores da vítima.

2.5.Amigos: este subtema surge dos dados da amostra, os participantes identificam o agressor como amigos da vítima.

Fatores de risco no contexto desportivo

1. Fatores de risco específicos no contexto desportivo: este tema surge dos dados da amostra, identificando os fatores que existem neste contexto.

1.1.Contato físico: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que o contato físico no desporto são um fator de risco do abuso sexual.

1.2.Relação de proximidade: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que as relações de proximidade que embarcam no desporto são um fator de risco do abuso sexual.

1.3. Balneários: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que os balneários no desporto são um fator de risco do abuso sexual.

1.4.Hierarquia: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que a hierarquia neste contexto desportivo é um fator de risco do abuso sexual.

1.5.Confiança dos pais nos técnicos: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que a confiança dos pais depositada na equipa técnica neste contexto são um fator de risco do abuso sexual.

1.6.Exposição do corpo: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que a exposição do corpo no desporto é um fator de risco do abuso sexual.

1.7.Isolamento nos estágios: este subtema surge dos dados da amostra, e refere que o isolamento dos estágios no desporto são um fator de risco do abuso sexual.